

FUNDADO POR ÉDSON RÉGIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Dezembro 2014 – ANO LXV N° 10

Juliana Steinbach

“Sou intérprete de três
séculos de música!”



O Sesc, mantido e administrado pelos empresários do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, visa o bem-estar social dos trabalhadores do terceiro setor, seus familiares e dependentes. Mas o público atendido pelo Sesc é muito maior. Abrange também as populações da periferia de cidades de pequeno, médio e grande porte, que são assistidas pela entidade através de parcerias com o poder público e empresas privadas.

• Educação • Saúde • Cultura • Lazer • Assistência •



 **Fecomércio PB**

 **Sesc**

Bravo!

A Paraíba orgulha-se de ser terra natal de tantos artistas, como também a “pátria” adotiva de muita gente de talento, oriunda de outras regiões do país e do exterior, que a escolheu como lugar ideal para viver e trabalhar. É essa gente especial que projeta o estado em áreas como música, cinema, literatura, artes plásticas etc.

A música na Paraíba, por exemplo, esbanja talento, não importa o gênero. Estão aí nos compêndios os ícones que já se foram – José Siqueira, Canhoto, Sivuca, Jackson do Pandeiro, Radegundis Feitosa... -, e, nos palcos e estúdios, os que mantêm a chama acessa – Elba e Zé Ramalho, Antônio Barros, Herbert Vianna...

Aliás, conta-se por hora os músicos paraibanos que se destacam na seara popular – Cassiano, Cátia de França, Chico César, Elba Ramalho, Flávio José, Geraldo Vandré,

**A Paraíba
marca presença
também
no cenário
internacional
com o
indiscutível
talento da
pianista Juliana
Steinbach.**

Totonho, Roberta Miranda, Pinto do Acordeon, Vital Farias, Amazan, João Gonçalves, Genival Lacerda, Biliu de Campina, Lucy Alves...

Sobre bandas, grupos instrumentais e orquestras, o que dizer de Clã Brasil, Burro Morto, Néctar do Groove, Parahyba Art Ensemble, Quin-

teto da Paraíba, Quarteto de Trombones, JP Sax, Quinteto Brassil e Orquestras Sinfônicas da Paraíba, da Cidade de João Pessoa e da Universidade Federal da Paraíba?

Como se não bastasse toda essa gente badalando o estado, a Paraíba marca presença também no cenário internacional com o indiscutível talento da pianista Juliana Steinbach, já consagrada nas mais importantes salas de concerto da Europa, Ásia e Estados Unidos. Virtuose – na acepção maior da palavra.

Juliana esteve em João Pessoa no início do mês, onde participou do segundo Festival de Música Clássica, promovido pela Prefeitura da capital e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Foi aplaudida de pé. Esta edição do *Correio das Artes* lhe desenha o perfil e conta um pouco de sua história.

O Editor

índice



PERSONALIDADE

A pianista paraibana Juliana Steinbach, radicada na França, é considerada hoje uma das grandes expressões do concertismo internacional.



FOTOGRAFIA

O artista Sérgio Lucena comenta as fortes impressões que lhe causaram a leitura do livro *Contrastes simultâneos*, de Walter Carvalho.



FEIRA LITERÁRIA

A Feira Literária de Boqueirão (Flibo) coloca a Paraíba no roteiro nacional de eventos voltados para a valorização do autor e incentivo à leitura.



POESIA

O poema "Maya", do poeta mexicano Jacobo H. Montelongo, é publicado nesta edição com tradução do escritor e ensaísta Ronaldo Cagiano.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB
PABX: (0x83) 3218-6500 - FAX: 3218-6510
Redação: 3218-6511/3218-6512
ISSN 1984-7335
editor.correiodasartes@gmail.com
<http://www.auniao.pb.gov.br>

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Luís Torres

Superintendente
Albiege Fernandes
Diretor Administrativo
Murillo Padilha
Câmara Neto

Diretor Técnico
Gilson Renato

Editor Geral
Walter Galvão

Editor do Correio das Artes
William Costa

Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo

Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Foto da capa
Balazs Borocz/Pilvax Studio

Revisão
William Costa



Em corpo e espírito

EM SUAS APRESENTAÇÕES, A PIANISTA JULIANA STEINBACH DIALOGA, INTERPRETA E TRANSCENDE O INSTRUMENTO, PARA DAR VIDA À MÚSICA

William Costa
wpcosta.2007@gmail.com

PREÂMBULO

Traduzir uma obra de literatura de seu idioma original para outra língua – o romance *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski, diretamente do russo para o português, por exemplo –, requer um compromisso ético do tradutor, no sentido de não violar a palavra do outro (o autor). Consciente dessa responsabilidade, o tradutor deve ir ao fundo do poço em busca do sentido de cada palavra, na sua contextualização histórica específica.

Observando a especificidade de cada área, a opinião acima, expressa em outras palavras pelo professor Paulo Bezerra (uma das maiores autoridades brasileiras na arte da tradução), deve ter ressonância em algum conceito relacionado ao intérprete de música clássica – ou erudita, como seja. Ambos precisam conhecer o contexto sociocultural da obra, a biografia e, acima de tudo, a linguagem, a personalidade e o que quis “dizer” o músico ou escritor.

Agindo de outra forma, é possível, no primeiro caso, que o lei-

tor do romance (mal) traduzido chegue até a entender a história, mas não perceberá as inovações linguísticas que tornam singular a presença do autor na história da literatura. No segundo, o músico executa (literalmente) as notas da partitura, às vezes até com boa técnica, mas não logrará recriar a atmosfera sem a qual a música não consegue reencontrar-se com sua alma – a “intenção” do artista.

Essa ideia nasceu em mim

após assistir aos recitais que a pianista franco-paraibana Juliana Steinbach apresentou na segunda edição do Festival de Música Clássica de João Pessoa, promovido, entre os dias 1º e 6 deste mês, pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, com patrocínio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Quase uma semana em que se ouviu e muito se aprendeu sobre música da melhor qualidade.

FOTO: BALAZS BÖRÖCZ

DE VOLTA À TERRA NATAL: “É OUTRA ENERGIA”

Juliana estreou no festival ao lado do holandês Arjan Woudenberg, apresentando juntos, pela primeira vez, um recital para piano e clarinete, na Igreja de São Bento. No programa, Brahms, Alban Berg, Ron Ford, Ravel e Debussy. “Uma experiência marcante, tocar com Juliana. Ela e o violinista Alberto Johnson são os melhores embaixadores, para qualquer músico que queira tocar no Brasil”, comentou um simpático Arjan, após o recital.

A pianista ministrou ainda uma aula em conjunto (*máster class*), para alunos convidados, no Centro de Estudos Jurídicos e Sociais (Cejus), e mais dois recitais: ▶



- ▶ um na Igreja São Francisco - tocando Poulenc (Trio para piano, oboé e fagote) e Schubert (Quinteto com piano) – e outro na Igreja de São Bento – interpretando Glinka (Trio patético para piano, clarinete e fagote) e novamente Brahms (Trio em mi bemol maior para trompa, violino e piano).

Juliana foi aplaudida de pé ao fim das interpretações. Se houve problemas (com o piano, como já aconteceu outras vezes, ou de harmonia entre ela e os demais músicos), só os ouvidos “privilegiados” perceberam. Pelo menos no primeiro recital, na Igreja de São Bento, o público não só aplaudiu entusiasticamente, como se comportou tão bem, que recebeu elogios do maestro Laércio Diniz – que não escondeu sua aprovação em relação às performances da artista.

“Sinto sempre uma grande emoção quando venho tocar em minha cidade natal. É outra energia. Sinto-me muito feliz por estar aqui na minha terra, revendo familiares, amigos e esta paisagem maravilhosa”, disse Juliana, ao ser entrevistada para o *Correio das Artes*. Na verdade, a entrevista começou pelo correio eletrônico, quando a artista ainda se encontrava na França, preparando a bagagem para viajar a João Pessoa.



O público lotou a Igreja de São Bento, para assistir o primeiro recital de Juliana...



... que, ao lado de Arnjan Woudenberg, agradeceu os aplausos com a reverência tradicional



UMA PERSONALIDADE MARCANTE

Antes de cada recital, Juliana está sempre com pressa. Com movimentos ágeis, ela voa do palco ao camarim improvisado, e retorna na mesma velocidade. Pelo caminho, cumprimenta amigos, abraça parentes, faz pose para foto, concede entrevista, orienta músicos e ensaia o programa no piano. No entanto, o cansaço e as quase imperceptíveis gotas de suor não transformam em esgar a ternura de seu sorriso nem em supetões a graciosidade de seus gestos.

Juliana parece ter vindo ao mundo com a missão de criar magia, para êxtase espiritual, através da recriação de repertórios dos gênios da música. Quem a ouve entende o entusiasmo do professor Emanuel Kravitsky, da Academia de Música de Tel-Aviv, Israel: “Uma pianista extraordinária. Sua maneira de tocar é transbordante de vitalidade, cores e definição rítmica. Um grande temperamento, mas também uma grande sensibilidade e intensidade lírica”.

▶ Assinam o “manifesto” de Krasovsky, entre outros virtuosos, celebrizados em palcos ou salas de aula do mundo inteiro, a pianista portuguesa Maria João Pires - para quem o talento, a musicalidade e a capacidade de trabalho de Juliana são “realmente excepcionais” -, e seu colega francês Bruno Rigutto, segundo o qual a intérprete paraibana “possui uma grande intuição, um temperamento caloroso e uma musicalidade original”.

Não poderia esquecer a “profecia” (para mim, já realizada) de Franco Scala, diretor da Academia Internacional de Piano de Imola, Itália: “A exuberância, a vitalidade, o entusiasmo, a musicalidade natural, aliadas à amplitude do repertório, uma impecável preparação instrumental e técnica, uma grande seriedade profissional e um verdadeiro senso analítico da partitura fazem de Juliana Steinbach uma promessa do concertismo internacional”.

Por um momento, percebe-se uma reminiscência de *paraíso perdido* no olhar de Juliana. Uma sombra talvez de recônditos segredos, rapidamente eliminado pelas centelhas de sonho e esperança que iluminam seu rosto, quando senta para tocar piano. Hora de transcender o ambiente e entrar na música - suave ou intensamente, conforme o desejo do compositor. Ela (en) canta com as mãos - a mente, o corpo e o instrumento em um único ser transformados.

Entendo a impressão que Juliana causou em um crítico da estirpe de Jorge Coli. Nela, ele talvez tenha vislumbrado uma nova personificação da Beleza. “A doçura encontra-se também no tom de voz, na elegância discreta dos gestos, mas dá lugar, nas interpretações, a uma energia poderosa. O toque é encorpado, pessoal, e Juliana Steinbach possui uma verdadeira personalidade de intérprete”, escreveu ele em sua coluna na revista *Concerto*.

FOTO: ORTILO ANTÔNIO



EM SINTONIA COM UM COSMOS

Uma metáfora para a interpretação musical: árvore frondosa no campo. O ar impõe o timbre, o ritmo e a direção de seus movimentos, e lhe garante a vida. Mas não sopra por livre arbítrio. Traduz o que o espírito circunstancial da natureza dita. Se o balanço é pouco, há nostalgia. Se baila a sebe, alegre é o dia. Sacode a cabeleira verde; desejo de atirar folhas e frutos ao chão, de arrancar as raízes... dia de fúria, intempérie, ira de potestades. Silêncio e frio, dia fúnebre.

Juliana olha, respira... e toca. Parece estar agora em sintonia com um Cosmos, a música dando direção e ritmo ao movimento harmônico de astros e estrelas. A melodia como que flutua no ar... Ondula também, ou cai, como uma pluma de chumbo, para erguer-se vertiginosamente, escrava de seus fraseados. Ela toca com a sensibilidade à flor da pele. O sopro interior no compasso da música. Seus gestos são amplos e generosos. Sua bíblia é o teclado, não a partitura.

Ela explica que o pianista deve se adaptar à morfologia do teclado, de acordo com o momento,

ou melhor, com a composição. “Não existe ‘uma’ postura de corpo que seria a mais correta. Cada música tem o seu próprio ritmo, harmonia e melodia, e o intérprete deve encontrar a melhor maneira de expressar a personalidade do compositor, que pode ser excêntrica, contida etc.”, acrescenta. Para ela, tocar é “cantar, expirar, deixar sair o que o compositor tem a dizer”.

O ser musical (intérprete ou instrumentista) deve acompanhar o movimento criado originalmente pelo compositor. Isso fica muito claro quando ouvimos Juliana tocar. Ela se deixa embalar pela música, da qual não é a autora, mas que assume a responsabilidade de “traduzi-la” com perfeição, para o espectador. Algo muito espiritual, místico, esse diálogo entre artistas separados por longos, imensos intervalos de tempo e espaço - como é o caso de Brahms, por exemplo.

Talvez nem mesmo Juliana saiba o mistério da música em sua vida, e a escolha do piano como instrumento para expressá-la. Sabe apenas que a sua iniciação musical a orientou muito cedo para o piano. “É um instrumento que dá acesso a uma imensa variedade de repertórios - obras, compositores dos quais sou como uma intérprete, interlocutora e mensageira. Meu papel é entender os textos e transcender o instrumento, para dar vida à música”, define. ▶



FOTO: BALAZS BÖRÖCZ



▶ LYON, FRANÇA: OS ANOS DE FORMAÇÃO

Morena de olhos amendoados, Juliana Steinbach nasceu na cidade de João Pessoa, em 1979, e é filha da professora e bibliotecária Jane Lessa e do artista plástico Bruno Steinbach, que se separaram quando ela ainda era criança. Com pouco mais de dois anos de idade, Juliana foi morar em Lyon, na França, com a mãe e o pai adotivo, o professor Didier Voïta. Por isto, costuma dizer, brincando, que tem dois pais: um francês (Didier) e outro brasileiro (Bruno).

A música entrou na vida de Juliana durante a sua “pequena infância” em Lyon, cidade onde nasceu o imperador

Claudio, conquistador da Britânia. “No nosso prédio morava um primo que tinha um piano-armário (sem cauda) *Steinway*, aliás, um ótimo instrumento. Durante nossas frequentes visitas dominicais, eu costumava reproduzir de ouvido os cantos da missa. Creio que a primeira peça que toquei no piano foi o ‘Aleluia’ de Jerusalém”, rememora a artista.

Aos quatro anos, em um pequeno atelier, Juliana recebia aulas de sensibilização musical pelo método Dalcroze - sistema de ensino rítmico musical através do movimento corporal, criado pelo músico suíço Emile Jacques Dalcroze (1869-1950). Sobretudo, visitava

a casa de primos, que tocavam, cada um deles, um ou vários instrumentos. “Foram momentos inesquecíveis de descoberta e improvisação com piano, cravo, harpa, violino, violoncelo, oboé etc.”, relata.

Essas foram as primícias da educação musical de Juliana. Em seguida, ela começou a estudar piano com uma professora particular - a pianista norte-americana Christine Paraschos, e a frequentar, pela ordem, o Conservatório Regional de Música de Lyon, o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, a Academia de Piano de Imola, na Itália, e a Juilliard School de Nova Iorque, nos Estados Unidos. ▶

▶ UM MEIO MÁGICO DE COMUNICAÇÃO

Na contramão de certa vertente da crítica de arte, Juliana acredita em vocação. “Desde pequena a música foi, para mim, um modo de expressão privilegiado. O refúgio dos meus sentimentos íntimos, o revelador do meu subconsciente, antes de tornar-se, com meus primeiros concertos, um meio mágico de comunicação. Numa família onde se falavam duas línguas (português e francês) e com um irmão surdo, a música foi minha linguagem própria”, esclarece.

Para a artista, tudo começa com a inspiração. Seria como uma espécie de epifania? Ou um toque de planos mais altos que, por ser divino, não carece de definição? Enfim, um território sobre o qual a razão ainda ras-teja e movimenta-se pelo tato. “Claro que acredito em inspiração. Ela é como um sonho, a visão que temos de uma peça musical ou de uma obra de arte. E precisamos de muitíssimo trabalho para realizar este sonho!”, justifica.

A familiaridade de Juliana com o repertório europeu não a fez esquecer daquilo que aqui chamamos “raízes”. Ou seja, a cultura brasileira de origem. “Sinto um grande orgulho da sensibilidade musical brasileira, tanto popular como erudita. Como pianista, tenho uma imensa admiração pela arte de Guiomar Novaes e Nelson Freire. Meu próximo disco será uma homenagem ao meu Brasil natal, incluindo o *Ciclo Brasileiro* e a *Alma Brasileira* de Villa-Lobos”, confia.

Juliana diz que todos os seus professores foram importantes no seu percurso musical, mas destaca, particularmente, três grandes pianistas que, segundo ela, foram suas “boas fadas”: a americana Christine Paraschos, a israelense Pnina Salzman (em Tel-Aviv, Israel) e a portuguesa Maria João Pires (na residência de Belgais, Portugal), assim como seu “caro maestro italiano” Franco Scala (na Academia de Imola) e, mais recentemente, o pedagogo húngaro Ferenc Rados.

Ela também considera todas as suas apresentações como “momentos únicos”, embora recentemente tenha ficado especialmente feliz ao fazer seu “debut” como solista no concerto para piano e orquestra de Schumann, na legendaria Salle Pleyel em Paris. Não seria para menos. Projetada pelo engenheiro Gustave Lyon e o arquiteto Jean-Marcel Auburtin, a Salle Pleyel foi inaugurada em 1927 e tornou-se a mais célebre sala de concertos da capital francesa.

Juliana diz que adora MPB e admira todos os grandes cantores brasileiros. Garante que não perde uma ocasião para ouvir Caetano Veloso ou Gilberto Gil em concerto. Para quem toca com a alma, compor talvez fosse uma empresa fácil. Mas não é assim que as coisas funcionam em música. “Eu não sou compositora, mas intérprete de três séculos de música! Porém, um dos meus sonhos seria um dia improvisar... música brasileira!”. Quem sabe?... ▶



“A inspiração é como um sonho, a visão que temos de uma peça musical ou de uma obra de arte. E precisamos de muitíssimo trabalho para realizar este sonho!”

▶ A

IMPRESSIONANTE "SALA DE TROFÉUS"

O currículo que Juliana Steinbach enviou pelo correio eletrônico, para melhor fundamentar a nossa entrevista, me causou forte impressão logo nas primeiras linhas. Para não tornar a leitura mais cansativa, vou tentar fazer aqui uma síntese de sua brilhante trajetória, começando pelos prêmios que ela arrebata após os anos de formação no Conservatório de Lyon (CNR) e as orientações que recebeu da pianista americana Christine Paraschos.

Juliana estudou no Conservatório Superior de Paris, nas classes de Bruno Rigutto e Pierre-Laurent Aimard, onde obteve dois Primeiros Prêmios de Piano e Música de Câmara e foi admitida no Terceiro Ciclo de piano na classe de Jacques Rouvier, ganhando o Prêmio da Fundação Alfred Reinhold: um piano de cauda *Blüthner*. Ótimo começo para um artista que equilibra a paixão pela música de câmara com o piano solo, sua atividade principal.

Nas diversas aulas em conjunto (*master classes*) das quais participou, Juliana recebeu conselhos de ninguém menos que Dmitri Bashkirov, Emanuel Krasovsky, Alicia de Larrocha, Christoph Eschenbach. Em maio de 2007, obteve o Graduate Diploma da Juilliard School de New York, após um ciclo de aperfeiçoamento sob a orientação do pianista Joseph Kalichstein e outros membros do Juilliard String Quartet.

Laureada das Fundações Cziffra, Meyer, Natexis Groupe Banques Populaires, Alfred Reinhold e Umberto Micheli, Juliana venceu vários concursos, entre eles, o Concurso Internacional Artlivre de São Paulo (Brasil, 2001) e o Concurso Internacional de Jovens Pianistas de Meknès (Marrocos, 1996). Na França, recebeu o Prêmio Fla-

me, a Bolsa Musical do Zonta Internacional, o Grande Prêmio e o Prêmio Especial do Fórum Musical da Normandia.

Como uma espécie de coroamento pela sua paixão pela música de câmara, Juliana ganhou em 2002 o Primeiro Prêmio do Concurso "Premio Vittorio Gui" em Florença (Itália) e em 2005 o Prêmio Beethoven do Concurso Internacional de Música de Câmara "Trio de Trieste" (Itália) em duo com o violoncelista Guillaume Martigné. Recentemente, atuou em parceria com músicos do naipe de Marina Chiche, Eric-Maria Couturier, Sarah Louvion e Jonas Vitaud.

O campo de interesses de Juliana não se restringe à música de câmara e piano solo tradicionais. Inclui também a música contemporânea. Ela participa de diversas criações e já colaborou com os compositores Jean-Louis Agobet, Yves Chauris, Guillaume Connesson e Thierry Escaich, entre outros. Em 2010, o festival *Aspects des Musiques d'Aujourd'hui* de Caen confiou a ela a execução de "Chryptophonos" de Philippe Manoury e das "Structures" de Pierre Boulez.

FESTIVAIS NA FRANÇA E ROMÊNIA E O PRIMEIRO DISCO PREMIADO

Juliana já tocou, entre outras formações, com orquestras filarmônicas e líricas de Nice e Paris (França), Friburgo (Suíça), Leipzig (Alemanha), Budapeste (Hungria) e Israel, além de colaborar com os maestros Sergio Monterisi, Michael Cousteau, François-Xavier Roth, Théophanis Kapsopoulos, Jan Cober, László Kovács e Mendi Rodan. Também já se apresentou em salas famosas do Brasil, Argentina, França, Áustria, Itália, Espanha, Noruega, Estados Unidos e Japão.

Há dez anos, Juliana fundou e é a diretora artística do festival "Musique en Brionnais",

que durante o verão atrai uma audiência internacional para a Borgonha do Sul. "Organizamos o festival com minha família e vários amigos e fazemos uma semana de piano e música de câmara nas lindas igrejas romanas do centro da França", comenta. Ela também lançou a primeira "Saison Blüthner" na França (concertos de piano e música de câmara em Paris e Lyon).

Enquanto o "Musique en Brionnais" comemorava a sua décima edição, Juliana criou em junho deste ano o seu segundo festival - o "Transylvania Chamber Music Festival", que, segundo ela, acontece no "território mágico" da Transilvânia, Romênia. "É um projeto musical e humanista, seguindo os passos do compositor húngaro Béla Bartók e explorando as raízes folclóricas da música erudita da Europa Central", detalha a artista.

A por enquanto breve discografia de Juliana não fica atrás. Seu disco *Tableaux* (Paraty, 2010) reúne obras de piano de Debussy (Estampes, Isle Joyeuse) e Moussorgski (*Tableaux d'une Exposition*), e foi recompensado com o Supersonic Award da revista *Pizzicato*, de Luxemburgo. Sua discografia completa-se com outros cinco álbuns de música de câmara, com obras de Schumann, Brahms, Franck, Ravel, Chostakovitch e Messiaen.

Juliana ainda encontra tempo para o Trio Talweg, um conjunto de música de câmara baseado em Paris, do qual ela faz parte desde 2011. "Com o violonista Sébastien Surl e o violoncelista Éric-Maria Couturier, tocamos cerca de trinta concertos por ano em vários países. O Trio Talweg lançou, recentemente, um álbum com a integral dos trios para piano e cordas de Brahms, um repertório maravilhoso". Se Juliana diz, quem haverá de duvidar? ✦

William Costa é jornalista. Assina coluna n'A União e edita o *Correio das Artes*. Mora em João Pessoa (PB).

Entre o olho e a ocular

Da Redação

O fotógrafo e diretor de cinema paraibano Walter Carvalho participou recentemente de duas sessões de autógrafa, para lançamento de seu novo livro, *Contrastes simultâneos*, publicado pela Cosac Naify. A primeira no dia 27 de novembro, no Ateliê da Imagem Espaço Cultural, na Urca, Rio de Janeiro, e a segunda no dia 2 de dezembro, na loja de artes da livraria Cultura do Conjunto Nacional, na Av. Paulista, São Paulo.

Contrastes simultâneos é a me-

O DIRETOR WALTER CARVALHO REÚNE O MELHOR DE SUA PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA EM SEU NOVO LIVRO, *CONTRASTES SIMULTÂNEOS*, PUBLICADO PELA COSAC NAIFY

O fotógrafo e diretor de cinema Walter Carvalho "clicado" em ação por Ilya Yamazaki

lhora "antologia" fotográfica de Walter Carvalho, um dos mais importantes diretores de fotografia do cinema brasileiro. Ele assina a direção de fotografias de filmes como *Central do Brasil* (Walter Salles, 1998), *Lavoura arcaica* (Luiz Fernando Carvalho, 2001) e *Madame Satã* (Karim Aïnouz, 2002).

A obra reúne imagens em preto e branco que revelam o olhar atento do fotógrafo para os contrastes ao seu redor, sobretudo no Brasil: matadou- ▶

ros, foliões no carnaval, detentos e suas marcas nas paredes das prisões, crianças na rua e no playground, jogos de futebol, outdoors em cidades grandes e no interior.

Na apresentação de *Contrastes simultâneos*, Walter esclarece que antes mesmo de publicar *Fotografias de um filme* (Cosac Naify, 2003, concebido pelo diretor durante as locações de *Lavoura Arcaica*, filme baseado no romance homônimo de Raduan Nassar, de 1975), já pensava que deveria guardar seus trabalhos em livro.

O ponto de partida, para a organização de *Contrastes simultâneos*, foram os ensaios que ele apresentou todos os anos no FotoRio (Encontro Internacional de Fotografia do Rio de Janeiro, que a partir de 2014 passou a ser anual). “Depois que agrupei as fotografias e o livro começou a tomar corpo, abri as gavetas dos meus negativos em busca de anotações, rascunhos, provas ampliadas e folhas de contato, como se procurasse um palimpsesto* de imagens que tivessem relação com o corpo principal. Pensava num conjunto que pudesse encerrar o livro, mas sem a preocupação de concluí-lo”.

O diretor também expõe sua ideia de fotografia e seu modo de ver e captar o objeto fotografado. “A fotografia é uma arte relativamente nova, se comparada à pintura, por exemplo, e vem sofrendo modificações desde a descoberta de Nicéphore Niépce. Contudo, ela sempre tendeu a desestabilizar as formas vigentes de sua época, provocando importantes mudanças nas artes”.

Segundo ele, na fotografia analógica, a velocidade é aquela do instante da tomada de decisão – o tão ritualizado momento de apertar o botão com precisão. “A foto em si ainda demora a ser revelada e vista. Hoje, há uma outra velocidade no campo da fotografia, aquela do instante imediato: a foto é transmitida e exibida no ciberespaço rapidamente.”

E prossegue: “Se a câmera analógica suga para seu interior o objeto fotografado, e sua representação acontece de modo visível e tátil, as digitais transferem o objeto para outro sistema, e a imagem de sua representação se transforma em partículas eletrônicas imateriais – uma decodificação traduzida em pixels”

Walter confessa que ele vive, pessoalmente, essa transição da prata para os bits, e diz que, no livro, isso se mostra cla-

"Contudo, ela (a fotografia) sempre tendeu a desestabilizar as formas vigentes de sua época, provocando importantes mudanças nas artes."

ramente. “Procuo descobrir novos suportes, sem nunca deixar o bom e velho Tri-X de lado. Ainda fotografo com negativos expostos à luz e os submeto à ação dos agentes reveladores – especificamente pelas mãos do amigo e fotógrafo Thiago Barros, que mantém seu laboratório em pleno funcionamento”.

Para o diretor, a foto acontece no espaço entre o olho e a ocular da câmera. “Fotografo o que vejo e não o que as máquinas me permitem ver. Assusta-me a velocidade com que desaparecem as ruas, as casas, as pessoas, as cidades. Fotografo para guardar, para fazer com que aquilo que está desaparecendo continue existindo”.

Em “Um instante continuado em nós”, texto que assina em *Contrastes simultâneos*, o antropólogo e fotógrafo brasileiro Milton Guran afirma que

“que cada fotografia de Walter Carvalho contém um instante continuado, como se uma foto se prolongasse em outra completamente diversa quanto ao tema, local ou tempo”.

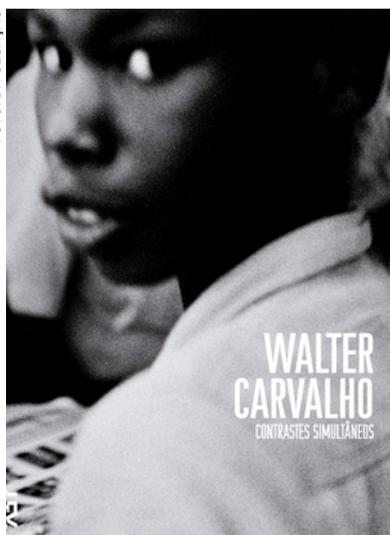
E mais, prossegue Guran: é “como se o jeito de olhar – o partido estético do fazer fotográfico –, ao passar de uma imagem a outra, vinculasse percepções díspares, criando assim uma espécie de unidade fotográfica na observação do mundo”. É isso, segundo ele, o que se vê nas séries de Walter, “que levaram décadas sendo construídas, ou nas imagens singulares, aparentemente isoladas em sua obra, mas que, neste livro, encontraram suas parceiras de diálogo plástico”.

Guran diz ainda que Walter se lança em explorações próprias, fiando-se na capacidade do leitor de seguir seu olhar e, através dele, ser envolvido por uma determinada maneira de ver o mundo e de associar as descobertas e as angústias do autor, e que é “impossível não considerar a narrativa fotográfica de Walter como uma variante de sua narrativa cinematográfica, campo no qual ele é uma de nossas maiores referências, seja como diretor de fotografia, seja como realizador”. No entanto, delimita “uma diferença fundamental entre o cineasta e o fotógrafo”.

O documentarista João Moreira Salles (citado por Guran) define essa diferença com muita propriedade: “Quando Walter deixa a câmera de cinema e pega sua 35 mm, fica inteiramente só no mundo”. “A fotografia – continua Moreira Salles – atua como uma espécie de alforria de todos os compromissos inerentes ao trabalho intrinsecamente coletivo do cinema.”

SOBRE O AUTOR

Walter Carvalho nasceu em João Pessoa, Paraíba, em 1947, e formou-se em design gráfico pela Escola Superior de Desenho Industrial do Rio de Janeiro em 1973. É documentarista, cineasta e um dos mais premiados diretores de fotografia da televisão e do cinema brasileiro, tendo iniciado suas atividades de fotógrafo em 1972. ✦

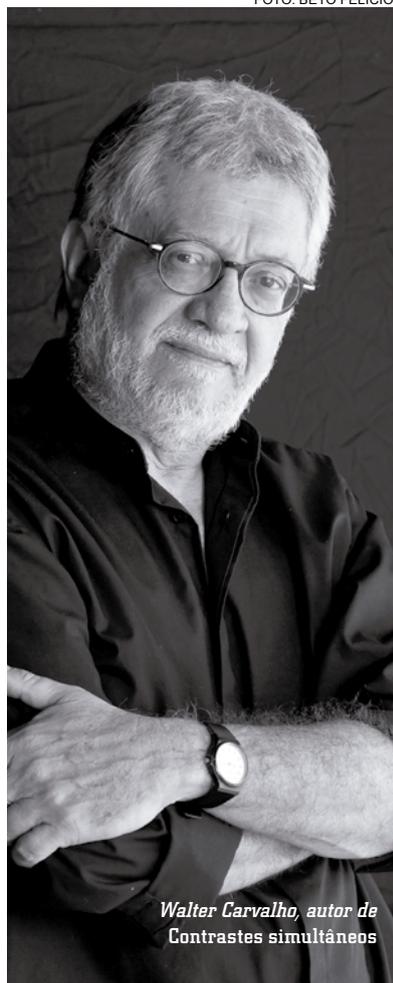


Uma breve narrativa do indescritível

Sérgio Lucena

Especial para o *Correio das Artes*

FOTO: BETO FELÍCIO



Walter Carvalho, autor de
Contrastes simultâneos

O intenso ano de 2014 vai terminando, foram tantas coisas acontecidas, um ano de fato memorável. Mas ele não acabou, e as surpresas seguem acontecendo.

Era fim de tarde quando cheguei em casa após um longo e profícuo dia de trabalho. Ainda havia uma boa luz, tão límpida, uma dádiva só possível nos céus paulistanos que sucede àquela bem-vinda chuva de verão. Sobre a mesa da sala, um pacote. Abri-o e, com alegria, vi que se tratava do livro *Contrastes simultâneos*, do fotógrafo Walter Carvalho. Há anos o Walter vinha trabalhando nisto e eu tive a oportunidade de, à distância, acompanhar um pouco do processo.

Coloquei minha poltrona olhando para a varanda - queria apreciar o livro com a luz natural -, busquei meus charutos - aquele momento merecia uma celebração -, sentei-me, acendi o que me pareceu mais saboroso, aspirei e expeli lentamente a fumaça... Estava tudo ótimo, podia abrir o livro.

E eis que acontece o espanto! - fundamento da poesia, segundo Ferreira Gullar. Começando pela capa (que traz um garoto negro que nos olha de soslaio), o livro foi acontecendo diante meus olhos como uma experiência visual ímpar; uma experiência tão própria que não cabe descrição, até porque muitas das imagens já me eram velhas conhecidas, o que faz do que vivenciei algo ainda mais desconcertante.

O que posso intuir é que talvez comigo tenha ocorrido algo semelhante ao que na psicologia experimental chamam de Gestalt, palavra alemã que significa forma, e que foi tomada como conceito psicanalítico do processo de dar forma, de configurar aquilo o que é colocado diante ▶



dos olhos, exposto ao olhar.

Sentado folheando o livro, suas imagens vindo uma a uma, de repente senti uma clareza imensa, uma coisa inteira estava ali diante meus olhos, e mais, em um acontecimento simultâneo, eu estava inteiro ali espelhado. Esta sensação de inteireza, de completude, é algo realmente indescritível, simplesmente por se tratar do acesso ao amplo, e isto é um paradoxo. Na experiência da unidade, a consciência do todo.

É neste estado que chego ao fim do livro e me deparo com dois textos breves, cujos títulos confirmavam o que se passava comigo naquele momento mágico. “Um instante continuado em nós”, texto do Milton Guran, e “Uma apropriação inevitável”, texto do próprio Walter.

Com o título que escolheu para sua apresentação, Walter parece sugerir a condição que lhe impõe a vida: o compromisso. Comprometido consigo mesmo, o artista busca construir um pensamento. Ele sai em busca da sua forma, ele procura a elegância, o equilíbrio, a estrutura; ele faz deste pensamento um lugar próprio, seu lugar inevitável. Alguma semelhança com destino? ...

Walter, reconhecido pela excelência do seu trabalho como fotógrafo de cinema, diretor de filmes, documentários, enfim um dos nomes seminais do cinema brasileiro contemporâneo revela, neste livro, por



contraste simultâneo, sua matriz! Por certo isto resume o que eu senti: o encontro com o cerne, a natureza, o leito rochoso onde estão firmados seus pés, o chão que o sustenta.

Estas imagens produzidas durante décadas até o presente, tantas imagens, registros, lugares, paisagens, ambientes, pessoas, animais, a beleza, o horror, vida, morte, são, ao mesmo tempo, muitas e uma só. Experiências catalisadas numa imagem, compondo uma imagem, a sua imagem, uma espécie de ponto de interseção, para onde tudo converge ou de onde tudo sai. Qualquer opção é válida, suas imagens são acontecimentos simultâneos.

O que posso dizer é que, definitivamente, sua fotografia nada tem de gratuita. Walter é um artista e, como tal, movido por extrema ambição, o que significa que ele dispõe de um único e só

1 - Desmanche do Carnaval sob o elevador da Perimetral. Rio de Janeiro, 1999. 2 - Carpina, Pernambuco, 2001. 3. Carnaval de Rua, Rio de Janeiro, 2013

interesse. Por meio da imagem, ele busca alcançar a natureza do pensamento que lhe dá significado.

Isto não é qualquer coisa, isto define e determina quem ele é. Para mim, aquele cujo fazer justifica sua existência, faz mais claro o mundo.

Olho estas imagens no livro, elas me dão significado... Meu Deus, ele alcançou! Obrigado, Walter! ✦

Sérgio Lucena é artista plástico.
Mora em São Paulo (SP)



Espectadores (4)

Maria Edith Paiva

Dando continuidade ao projeto sobre recepção cinematográfica, esta é a nossa quarta entrevista, agora com a espectadora Maria Edith Paiva.

FOTO-DIVULGAÇÃO



Residente em Jaguaribe, na João Pessoa dos anos quarenta e cinquenta, você foi uma frequentadora assídua dos três cinemas desse bairro. Fale desse tempo.

Era maravilhoso. A gente morava na rua Capitão José Pessoa, entre a Vasco da Gama e a Floriano Peixoto, a duas esquinas do Cinema Jaguaribe, e não muito longe dos Cinemas São José, e Sto Antônio. Nesses cinemas vi grandes filmes, que de alguma maneira marcaram minha vida, filmes inesquecíveis, para mim pelo menos. Nesse tempo eu era jovem e sonhadora e o cinema alimentava os meus sonhos de mocinha romântica.

A família não punha objeções ao cinema?

Não, contanto que houvesse companhia, porque moça naquela época não ia a cinema sozinha. E companhia não faltava: amigas, colegas do colégio, vizinhas, sempre havia alguém. O outro problema era o dinheiro, mas cinema era muito barato na época.

Maria Edith Paiva viveu a bela época do cinema no bairro de Jaguaribe, na João Pessoa dos anos 40/50

► **Você tinha critérios para escolher um filme?**

Não lembro que tivesse. Às vezes o nome do filme era atraente, às vezes também podia ser pelo elenco. Um filme que se chamasse *Deus sabe quanto amei*, ou *Pelo amor de nosso amor*, ou *Amar foi minha ruína* já dava vontade de ver. Se no elenco do filme tivesse nomes como Robert Taylor, ou William Holden, ou Gene Tierney ou Deborah Kerr, já era um chamativo. Fui também muito pelo hábito e vi muitos filmes ruins, mas também muita coisa boa, que, antes de ver, não sabia que era boa.

É verdade que os cinemas não eram muito confortáveis e que as projeções eram precárias?

Só lembro disso quando se toca no assunto. Enquanto estava no cinema nada me perturbava e podia o teto cair que eu permanecia atenta ao que se passava na tela. Por que ia prestar atenção em torno de mim, enquanto, lá na tela, Humphrey Bogart e Ingrid Bergman decidiam se ficavam juntos ou não? Agora, realmente, comparado a hoje, o desconforto era grande; por exemplo, não havia ar condicionado e, com a sala lotada, o calor era grande. A fita quebrava e tinha sempre piadinhas com isso; dizem que os banheiros não eram lá muito higiênicos, mas eu nunca fui neles.

Você por acaso recorda algum incidente durante alguma sessão, algo que tenha perturbado a projeção?

Acho que vez ou outra havia, mas, como disse, eu só queria saber do filme. Só uma coisa podia me desviar a atenção da tela: era se o rapaz com quem estivesse flertando na ocasião estivesse presente. Se por acaso sentasse perto, ou ao meu lado, então. Naquela época a conduta entre jovens era diferente de hoje, e, um simples toque de mão podia trazer o encantamento que sustenta qualquer relação amorosa. Coisas do passado!

Naquela época, sem televisão, sem dvd e sem internet, qual era mais ou menos a frequência de cinema, a sua ou a geral?

Eu ia pelo menos duas vezes na semana, isto com o consentimento da família; um pouco mais se a gente incluir as fugidinhas. Só para contar uma: eu estudava no Colégio das Lourdinhas, que era vizinho ao Cinema MetrÓpole, e vi o cartaz de um filme que prometia ser muito bom. Só que a sessão era à noite e o MetrÓpole era muito longe, na Torre. Pois combinamos, eu e uma colega que também morava em Jaguaribe, que diríamos em casa que eu ia, à noite, estudar na casa dela, e ela diria que ia estudar lá em casa. Como naquele tempo não havia telefones, não havia possibilidade de checar. Fomos ao MetrÓpole, assistimos ao filme e ninguém nunca soube. Voltamos do cinema, lá para as dez e tanto, com medo de passar naquela rua esquisita, e pior, chegamos em casa ensopadas, pois caiu um toró no caminho. Mas valeu a pena: não lembro o nome do filme que vimos, mas foi muito bom.

Em algum momento você teve, na época, contato com a crítica cinematográfica? Em jornais ou de outra forma?

Não, nunca. A gente via cinema pelo prazer de ver e acho que mesmo que eu lesse um texto de crítica na época, não ia me interessar. Cinema era pura diversão e a ideia de estudar cinema seria estranha para a gente. Que eu lembre nenhum de meus amigos, ou amigas, jamais mencionou que tivesse lido comentários de filmes em jornais. Talvez se alguém tivesse me alertado...

Você diz que há muito não vai mais a cinema. Desde quando? E por quê?

Não sei dizer quando exatamente deixei de ir a cinema, mas, acho que foi lá pelos anos setenta, quando o cinema começou a ficar violento demais ou

pornográfico, ou coisa do tipo. Uma das últimas vezes que fui assistir a um filme no Municipal, vi uma coisa horrenda: uma cabeça de cavalo cortada e posta na cama de uma pessoa, que acordava horrorizada com aquilo, e fiquei mais horrorizada que ela. Outra vez era um filme sobre um bando de drogados em motos que piravam dentro de um cemitério. Ou um motorista de taxi de cabelo raspado que cometia uma matança, com sangue para todo lado... Enfim, me dei conta de que não tinha estômago para aguentar essas coisas e fui me afastando...

E em casa, você vê filmes?

Às vezes quando me aparece um filme romântico, do jeito que gosto. E por romântico não quero dizer açucarado. Por exemplo, *Um corpo que cai* não é nada açucarado e é um dos meus filmes preferidos.

Por falar em preferido, gostaria que você listasse sete filmes, os sete que você daria como os seus mais queridos em todos os tempos.

São muitos. Vou citar os que me ocorrem no momento: *Tarde demais para esquecer* (An affair to remember, 1957, Leo McCarey), *O mágico de Oz* (The wizard of Oz, 1939, Victor Fleming), *A ponte de Waterloo* (Waterloo Bridge, 1940, Mervyn Leroy), *Sagrado e profano* (Desire me, 1947, vários diretores), *O seu único pecado* (The way of all flesh, 1940, Louis King), *Quando o coração floresce* (Summertime, 1955, David Lean) e *Música e lágrimas* (The Glenn Miller story, 1954, Anthony Mann).

Em tempo: Os dados informativos sobre os filmes mencionados por Edith Paiva foram acrescidos pelo entrevistador (títulos originais, datas de produção e diretores). ❖

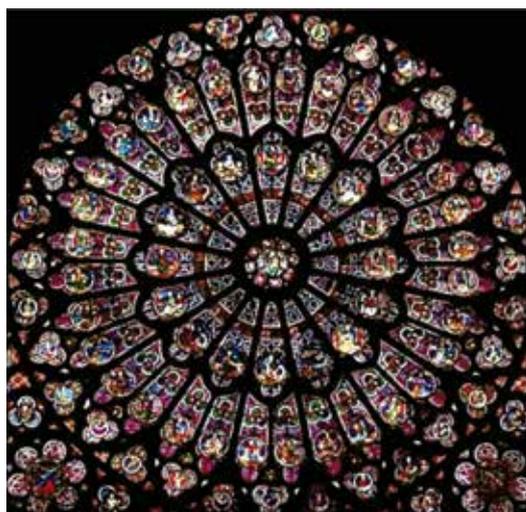
João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).

Sobre a Beleza

W. J. Solha

Especial para o *Correio das Artes*

Veja três exemplos de como o belo aparece em seu estado natural e numa derivação sua, na Arte:



FOTOS: INTERNET

PERCEBE?

Em comum, há o tema central evidente: atração, com garantia de prazer, igual a: reprodução. Leão e pavão marcam presença masculina ante as fêmeas apagadas, pela juba de Júpiter e pelo magnífico leque da cauda, aberto. E as flores, com cor e perfume, atraem os insetos para seu mel, no que eles levam, de contrapartida, pólen para toda parte, enquanto os frutos...





... se oferecem para que os colhamos e saboreemos e lhes carreguemos as sementes para o surgimento de novos seres. Quanto às mulheres, eis um exemplo delas: Brigitte Bardot no auge de seu *sex appeal* ...



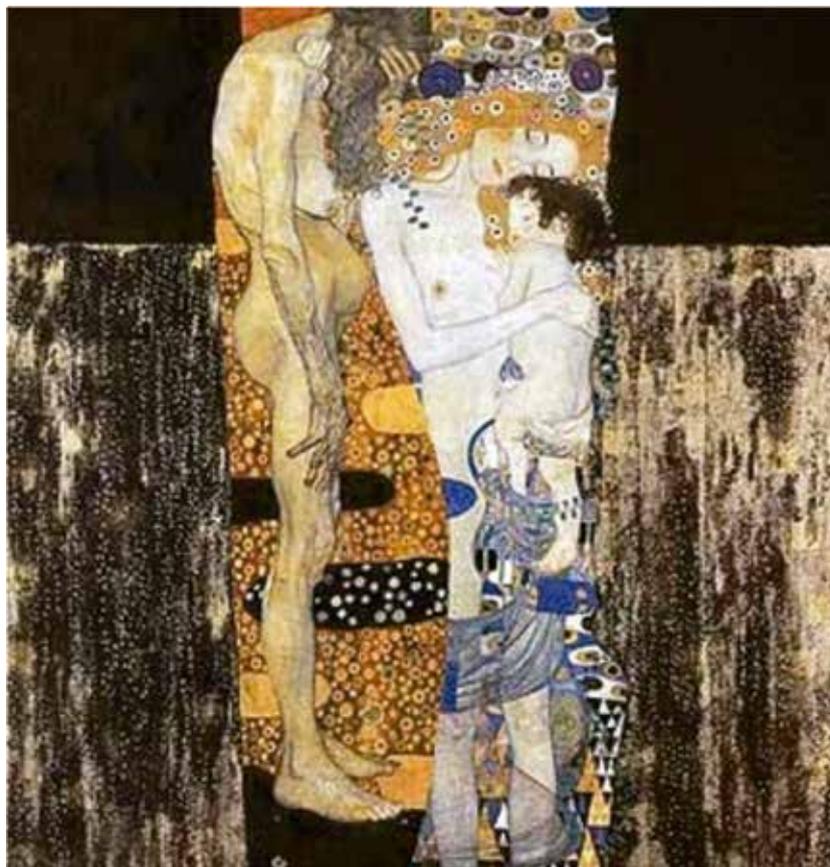
Klimt pintou *As três idades da mulher* (primeira imagem da página seguinte) com igual crueldade. Note-se que a jovem mãe está associada a flores e tem, nos braços, o encantador rebento de sua beleza:

... e como ela ficou, passada a fase reprodutiva:



▶

Não à toa, o protagonista de meu romance *Arkáditch* – ressentido com a idade (de que tenho vasta experiência) – olha para as manchas nas mãos (na Paraíba conhecidas como *flores de cemitério*) e as compara com as das bananas, “que parecem dizer: não coma!”



Veja, por sinal, que maldade também com os homens. Vi – há séculos - o *Spartacus* de Kubrik...

... e, depois, deparei-me com o grande herói... assim:



Bem, verdade seja dita: não há unanimidade do que seja a Beleza. A começar pela feminina. Houve época em que o cinema italiano criou o tipo boazuda de cintura fina...



... e Renoir, bem antes da Bardot, já exportava o tipo feminino francês, mas bem mais fornido, como o do centro desta tela...



› ... que lembra o protótipo decantado por Rubens, no século XVII:



Curioso é o contraste entre o gosto deste artista e o de seu contemporâneo Velásquez, frutos – os dois - de sociedades bastante diversas – a da rubicunda Flandres e a da ascética Espanha - e isso se reflete nos formatos que atribuíram a Vênus – Afrodite – deusa do amor e da beleza, com seu sintomático

espelho .

A loura que serviu de modelo para o pintor flamengo é carnuda...



... enquanto a morena de Velásquez parece enquadrar-se no padrão ocidental atual da beleza feminina...



... confirmada pela Maja Desnuda, do também espanhol Goya...



... enquanto esta *Educação de Júpiter*, de Jacob Jordaens, ratifica a estética batava:



... que segue a imagem do povão viver dos Países Baixos, como se vê em Brueghel:



Aliás, o mesmo povão – o nosso – diz, com sabedoria, que *Gosto não se discute*. E pergunta: *O que seria do amarelo se todos gostassem do vermelho?* E afirma: *Quem ama o feio, bonito lhe parece*, como deve ter acontecido com a Rainha Cristina no filme de 1933, com Greta Garbo apaixonada por um John Gilbert...

... tão ridículo com a costeleta “pega rapaz”, quanto o Luís XIV todo emperequetado no seu retrato feito por Rigaud, anco na vasta peruca, nos saltos altos, nas meias justas, na pose “elegante”, feito uma *drag queen* elevada – finalmente - ao trono:



- › Claro que o “Rei Sol” queria juntar a juba leonina, jupiteriana, ao manto “cauda de pavão”. Mas... se *Le lion est le roi des animaux*, para nós sua versão fica meio pra *O leão foi urrar e desanimou*.

MAS VAMOS À ESSÊNCIA DA COISA:

Olhe a foto ao lado e leia o que o descontente Padre Martinho Lutero diz em meu romance *Relato de Prócula*:

- Veja o rosto humano. Compõe-se de uma excrescência do aparelho digestivo, uma do respiratório, uma do óptico, outra do ótico. É um painel de comunicação, detecção, respiração e alimentação. Existem, no entanto, arrumações desse conjunto que nos parecem soberbas. Pergunto: isso ocorre porque a Natureza foi feliz nesses casos, ou porque fomos programados pra pensar assim?

Sim, porque – quando falamos da beleza esbanjada pela Mãe Natureza de olho na reprodução - mostramos pavões, leões, flores, frutos e lindas mulheres, mas basta darmos uma olhada em alguns lugares mais obscuros que nos cercam, pra constarmos que a estética de suas criaturas nem sempre bate com o nossa, pois ali acontecem acasalamentos como este, que – é claro - para nós seria terrível...

... e imagine esta criatura de olho numa transa com você:



Levado o fenômeno a esses extremos, fica mais fácil assimilar as revoluções da Arte nos inícios do século XX, quando Marinetti – por exemplo - disse, em seu *Manifesto Futurista*:



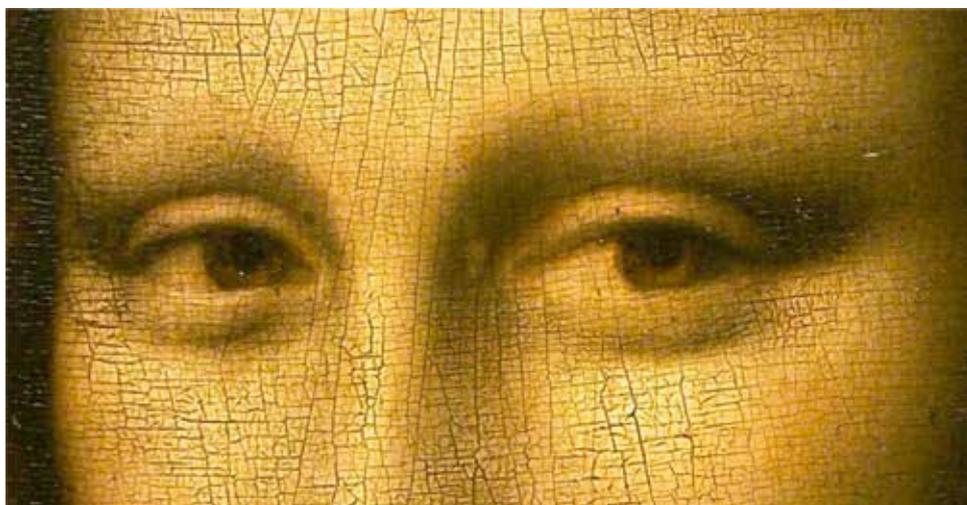
Marinetti em seu automóvel

- Um carro de corrida adornado de grossos tubos semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais belo que a Vitória de



Samotrácia.

» O fato é que o grande símbolo dos valores clássicos já... enrugara...



... física... e espiritualmente. Natural, portanto, que o moleque Marchel Duchamp, que aqui vemos como *Rose Selavy* numa foto de Man Ray, de 1920...



... no ano anterior tivesse feito operação inversa ao colocar bigodes e cavanhaque numa reprodução da *Mona Lisa*, levando em conta o fato de que a palavra italiana Gioconda – Joconde, em francês, Jucunda, em português – significa “alegre, jovial”. Daí que, em lugar da brincadeira *Selavy* (*C'est la vie, É a vida*), ele pespegou, sob o quadro de Leonardo, um grosseiro: “L.H.O.O.Q”



... sigla que, lida por franceses, produz sons que sugerem a frase sacana – *Elle a chaud au cul*, algo como *Ela tem fogo no cu*.

Irreverência, heresia? Ele gostava disso. Já fizera coisa pior, antes, expondo – com enorme sucesso - isto como obra de arte, dando-lhe o título de *Fonte*:



E, cerca de treze anos antes, Picasso fizera reviravolta maior, produzindo *Les Femmes d'Alger* baseado em ideias de última geração, na época, as do matemático Maurice Princet – que também influenciariam Poincaré e Einstein...

LES POLYÈDROÏDES, 153
numéros des sommets correspondants de l'hypercorps, se rapportent également aux deux ou aux quatre points dont ils sont

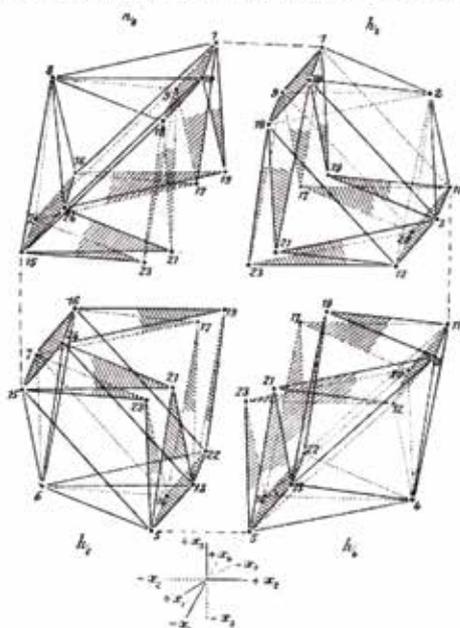


Fig. 1. — Perspective cavalière des seize octaèdres fondamentaux.

voisins; nous ne les avons écrits qu'une fois, et il appartient au lecteur de faire, le cas échéant, le triage des numéros se rapportant à l'un ou à l'autre de ces points. Chaque carré de A ou C,



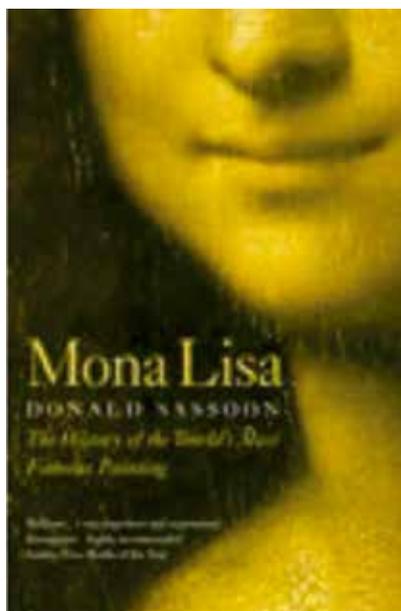
- › ... acrescentando ao quadro, no meio do processo, a contrastante máscara africana, que ele vira numa mostra que maravilhava Paris:



Horrível? Não. Era o *relativismo cultural* impondo-se ao etnocentrismo vigente. Um escândalo, como o provocado por Flávio de Carvalho ao desfilir de minissaia, no centro de São Paulo em 1956...



...embora nada de extraordinário tivesse parecido ao mundo os vestidinhos em outros respeitáveis senhores:



Donald Sassoon conta, em que a supracitada Gioconda – ou Jucunda, a Sorridente - era uma obra apagada do Louvre até 1911, quando foi roubada por um italiano ciumento da apropriação francesa da obra de Da Vinci. A imprensa, pra valorizar a notícia, exagerou as qualidades da pintura de tal modo que, quando foi recuperada, transformou-se num caso único de mídia e passou a ser – e até hoje é - a grande vedete do museu.

C'est la vie. Selavy.

Ora, quem não conhece o conto de Andersen, no qual o rei quer-porque-quer tecidos de padronagens fora do comum para suas novas roupas e com isso acaba provocando a chegada de dois vigaristas ao reino? Os pulhas mostram teares trabalhando vazios aos ministros e lhes dizem: “Só um idiota não vê como esses veludos e sedas são deslumbrantes!” Assustados, todos afirmam *oh, realmente, realmente...* e também Sua Majestade se assombra ao não ver nada sendo produzido, mas confirma, como talvez Luis XIV tenha feito ante o que lhe propunha a frescura geral, dita rococó, de seu tempo: “Eu quero isso pra mim! Eu quero!” E é *assim* que o monarca do conto acaba desfilando na parada em que tanto queria maravilhar o povo:



Bem... E o que
você acha desta
*Colombiana com
12 anos*, que Botero
conseguiu expor no
Moma de Nova York
em 63, ao lhe mudar o
título – como faria um
Duchamp - pra *Mona
Lisa*?



E haja gordos no sucesso espetacular desse artista...



... pra contrastar, por certo, com igual triunfo dos
magérrimos personagens de Giacometti:



*Selavy.
C'est la vie.* ✖

W. J. Solha é escritor, ator e artista
plástico. Mora em João Pessoa (PB)



O exemplo de Boqueirão

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

O ano era 2011. Ariano Suassuna parou na saída de Boqueirão para Cabaceiras e perguntou na praça de moto-táxi onde ficava o Hotel Fazenda. O moto-taxista ficou olhando para Ariano espantado e foi logo perguntando se ele era o “pai” de Chicó. Ariano respondeu que tinha escrito a história. E acabou o rapaz indo guiando eles (Ariano, dona Zélia, o genro e a filha) até o hotel, todo feliz da vida. A historinha aconteceu na segunda versão da Feira Literária de Boqueirão (Flibo), quando o autor de *A Pedra do Reino* foi o grande homenageado. O evento, realizado anualmente no município do mesmo nome, vem se consolidando no calendário cultural do estado, com debates, palestras e, o mais importante, com o envolvimento da sociedade.

“A primeira Flibo foi um desafio enorme, pois não tínhamos referência nenhuma a não ser Paraty, mas era algo tão longe. No entanto, enviei um e-mail pra coordenação da Flip (Feira Literária de Paraty), que entrou em contato conosco e propôs vir até Boqueirão para uma oficina junto à população sobre a

importância de festivais literários, não apenas para a educação, mas também para o turismo local. Tivemos o apoio da Prefeitura Municipal de Boqueirão e da Subsecretaria de Cultura do Estado”, recorda Mirtes Waleska Sulpino, escritora, presidente da Associação Boqueirãoense de Escritores e organizadora da feira.

Antes mesmo da criação da feira, outros eventos literários já preparavam Boqueirão para a realização do evento. Em 2009, Mirtes criou, juntamente com a poetisa Jane Luiz Gomes, a Associação Boqueirãoense de Escritores (Abes) e saíram convidando poetas locais para fazerem parte da entidade. No mesmo ano, foi realizado um concurso literário local em comemoração ao aniversário da cidade. Isso fez com que a associação ficasse conhecida e novos poetas se juntaram ao grupo. “Já participávamos de outro evento que era realizado pela prefeitura, o Balaio Cultural, onde fazíamos o ‘parede poética’, onde nossos poemas eram expostos em banners; em dois anos (2007 e 2008) realizamos o sarau ‘parede poética’, que, para nossa surpresa, caiu nas graças do povo; então apresentei o projeto da feira à Secretaria Municipal de Cultura, que abraçou a ideia e resolveu nos apoiar. Para nossa surpresa, a primeira Flibo teve uma boa repercussão a nível estadual. O nosso objetivo era divulgar os nossos escritos e fazer um intercâmbio literário com outros escritores paraibanos”, detalha.

RECEPÇÃO POSITIVA DA COMUNIDADE



*Mirtes Waleska Sulpino,
escritora, presidente da
Associação Boqueirãoense de
Escritores e organizadora da
Flibo*

Mirtes conta que a receptividade da comunidade de Boqueirão desde o início foi positiva. “Apesar de o evento ser para todos os públicos, a cada ano atingimos um público diferente, por exemplo: o objetivo da feira é a formação do leitor, então trazemos diversas atividades, como oficinas e minicursos para alunos do ensino fundamental e médio”, comenta. Para o público infantil, as atividades acontecem na praça, com contação de história, oficinas livres e a “Minha Escola na Flibo”, onde as escolas trabalham o autor homenageado ou outro autor no primeiro semestre e, durante a feira, apresentam seus projetos.

Nas três primeiras edições, a Flibo acontecia em março, o que dificultava a participação das escolas, porém, a partir da 4ª edição, a feira passou a acontecer no segundo semestre, dando tempo de as escolas se organizarem e apresentarem algum projeto. As palestras principais acontecem à noite, e os temas são variados, não girando especificamente em torno da literatura. Por exemplo, este ano a professora Cláudia Leitão falou sobre cultura e economia criativa, em uma das palestras mais prestigiadas do evento, além da palestra do historiador Vanderley de Brito sobre a fundação do município de Boqueirão.

Na comunidade literária, a receptividade também foi positiva. “Acredito que a cada ano, a Flibo vem se consolidando e abrindo espaço para autores paraibanos contemporâneos que muitas ve-

zes têm apenas a Academia para divulgarem seus trabalhos. A feira é um espaço democrático, onde o autor dialoga com o leitor conhecedor de sua obra ou não. Na verdade, a Flibo se tornou uma vitrine para muitos autores paraibanos”, destaca.

Com isso, a cada ano o evento cresce, o que faz com que a Abes convoque voluntários para ajudar na execução das atividades. São três dias de intenso movimento: oficinas, minicursos, palestras, atividades na praça, e ainda as atrações musicais. “Acredito que o diferencial é envolver toda a comunidade estudantil, proporcionando atividades para os três níveis de ensino, lembrando que ainda atingimos o público acadêmico; pois os mini-cursos são oferecidos como atividades de extensão da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) e este ano, também da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba)”.

A feira acontece por meio de parcerias, sendo a principal a Prefeitura Municipal de Boqueirão e, já há dois anos, a Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) tem dado um grande apoio. Em seguida, vem a UFCG e a UEPB, Sebrae e ainda outras empresas e indústrias locais. A Abes não recebe financiamento ou patrocínio para a realização da Flibo, trabalhando com parceiros que apóiam o evento e arcam com as despesas. ▶

*As atividades gratuitas,
realizadas ao ar livre, têm
atraído cada vez mais a
população de Boqueirão e
adjacências para a feira*





A participação de jovens, tanto na organização como nas atividades artísticas e educativas da Flibo, cresce a cada ano

CONSTRUÇÃO COLETIVA

Apesar de durar três dias, a Flibo acontece o ano inteiro”, garante Mirtes. Ela explica que isso acontece porque tem que manter o foco num tema, num autor homenageado, conversar com professores, com as instituições parceiras, para ver a possibilidade de levar alguns nomes para o evento. Acaba se tornando uma construção conjunta de ideias e pensamentos em prol de uma única causa: a formação de leitor e a promoção do livro e da leitura. Apesar do retorno positivo, Mirtes não esconde algumas decepções: “Ainda sentimos a falta de a população local interagir com o evento, principalmente na programação noturna, já que du-

rante o dia, temos os alunos que participam das atividades pedagógicas”.

Ao avaliar o espaço para feiras semelhantes em cidades pequenas como Boqueirão, Mirtes afirma que, infelizmente, ainda não contam com um equipamento cultural adequado para a realização de eventos desse porte. “No começo tínhamos dificuldades, pois utilizávamos vários espaços (clube municipal, Câmara de Vereadores, escolas etc.), o que facilitava a dispersão do público; então, colocamos as tendas na praça e resolvemos trazer o evento para um espaço aberto onde todos possam ter acesso”, explica.

Mirtes não sabe dizer até quando pretende organizar o evento e afirma que as inovações

vão surgindo na construção da programação, nos diálogos com outros poetas e com a própria população. Um exemplo: este ano, não foi realizado o sarau antes dos shows e os organizadores foram cobrados pela própria população, que sentiu falta dos poemas.

“Não sei até quando vamos ter fôlego para realizar o evento; são tantas dificuldades, principalmente com o poder público, mas a satisfação em fazê-lo é maior do que qualquer barreira. O sorriso e o brilho nos olhos das crianças durante a contação de história superam qualquer dificuldade e nos dão ânimo para um novo ano, para uma nova Flibo. Tem crianças que estão crescendo com a feira, isso é positivo, porque entendemos que a semente está germinando e, futuramente, elas serão as realizadoras do evento; serão elas que darão continuidade a este trabalho”, aposta.

Cena comum em Boqueirão, durante a realização da Flibo: crianças lendo livros e participando de atividades de incentivo à leitura



EVENTO MUDOU A ROTINA DA CIDADE

A realização da feira, claro, mudou a rotina da cidade. Hoje já se espera pela feira, as escolas já se programam e programam suas atividades para apresentarem na Flibo. E a realização dos shows todas as noites, também é um grande atrativo, além de gerar renda para os comerciantes locais, que colocam suas barraquinhas de lanches e bebidas. O evento também movimentava os hotéis e pousadas da cidade, que, segundo os proprietários, ficam lotados pelo menos em algum dos dias do evento. O mais importante: as oficinas realizadas geram incentivos para o surgimento de escritores na cidade. “É comum encontramos pessoas que nos procuram para mostrarem seus textos. E muitos participam das oficinas visando aprimorar sua escrita e se tornar um escritor profissional”, conta Mirtes.

A organizadora ressalta a importância da Flibo para a formação de leitores e até de escritores. “A Flibo, na verdade, é a culminância de várias ações que a Abes realiza durante todo o ano, seja na escola ou na praça. Todas essas atividades têm foco na formação do leitor, principalmente no leitor iniciante. Para tanto, procuramos inserir a escola, a família e toda a sociedade nesse processo”.

Na primeira edição do evento, o homenageado foi o poeta Ronaldo Cunha Lima, que esteve presente; na segunda, o homenageado foi Ariano Suassuna, que ministrou a sua famosa aula-espetáculo (nesta mesma edição houve a participação de Jessier Quirino); na terceira, Lourdes Ramalho e Bráulio Tavares foram homenageados; na quarta, foi celebrado o centenário do poeta Vinicius de Moraes; e este ano, Maria Valéria Rezende foi a homenageada, fazendo a conferência de abertura.

Mas também já passaram pela Flibo outros nomes, como: Bruno Gaudêncio, Efigênio Moura, Damiano Ramos Cavalcanti, Astier Basílio, Jairo Cezar, Simone Pedersen, Roberto Menezes, André Ricardo Aguiar, Heitor Cabral, Ed Porto, Lau Siqueira, Archidy Picado, André de Sena e Vitória Lima. Feira e festa do livro que veio para ficar, sem dúvida.



A dramaturga Lourdes Ramalho (sentada) foi homenageada na terceira edição da Flibo, juntamente com Bráulio Tavares



Escritores e escritoras paraibanas marcam presença a cada ano, na Flibo, para participarem de atividades ou receber homenagens



Momento de humor e “poesia matuta”: Jessier Quirino durante performance na Flibo, declamando versos e narrando “causos”

BOQUEIRÃO

DAS ORIGENS À ATUAL PROJEÇÃO CULTURAL

O município de Boqueirão está localizado na Região Metropolitana de Campina Grande (PB). Sua população em 2011 foi estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 16.966 habitantes, distribuídos em 424 km² de área.

A cidade foi fundada por volta de 1664/65, por Antônio de Oliveira Lêdo, filho do capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo e de sua primeira esposa, Isabel Paes, bandeirante, emigrante da Bahia, também capitão, casado duas vezes, a primeira com Joana Batista Acióli, a segunda, com Emerenciana de Lucena. Ele foi também fazendeiro, possuidor de muito gado no sertão de Piranhas e no Cariri, e faleceu em 1751.

Existem, no imaginário do boqueirãoense, muitas histórias, lendas e mitos acerca da origem do município e seus personagens fundadores, bem como de muitas outras histórias de seus moradores e pessoas de alto prestígio social que passaram por Boqueirão. Tais histórias, ainda hoje circulam nas rodas de conversa entre amigos que se reúnem no Mercado Público Municipal, histórias reais, ficcionais, tristes e engraçadas, enfim, “causos” que permanecem em aberto para estudos culturais.

A atividade cultural de Boqueirão, até bem pouco tempo atrás, concentrava-se apenas nas quadrilhas juninas e festas de padroeira animadas por grupos locais e pela Filarmônica Municipal, além da apresentação anual das peças teatrais da Paixão de Cristo e Natal. Além disso, também eram famosas as vaquejadas, que contavam com a presença não apenas da vizinhança, mas, até mesmo, de pessoas vindas de outros estados do Nordeste. As cantorias de violeiros também marcam as festas tradicionais do município, atividade esta ainda hoje realizada, todavia não muito valorizada pelo público.

Atualmente, Boqueirão exporta arte em todos os sentidos. São inúmeros os seus filhos que, pela Paraíba e pelo Nordeste como um todo, apresentam toda a riqueza de sua música (como é o caso do saxofonista Sarayva), dança, literatura, dramaturgia etc. Podemos destacar a Filarmônica Municipal, o grupo Kiriri Band, a orquestra de frevo, as companhias de dança municipais, os grupos de chorinho, seus violonistas e, mais recentemente, seus escritores – poetas e poetisas, contistas e ensaístas.

A criação da Academia Boqueirãoense de Escritores (Abes), em meados de 2009, veio levantar a pedra fundamental da literatura no município e inaugura uma nova fase na cultura do Cariri Paraibano. A Abes, desde 2010, realiza a Feira Literária de Boqueirão (Flibo). Durante o mês de março, a efervescência literária boqueirãoense se concretiza na realização de palestras, oficinas literárias, exposição, divulgação e publicação de livros. ◀



O escritor Ariano Suassuna posa para foto com Mirtes Waleska Sulpino, durante a segunda edição da Flibo



Mirtes Waleska entrega diploma a Lourdes Ramalho, em reconhecimento pelo seu trabalho em prol do teatro



O poeta e cordelista Manoel Monteiro (de camisa vermelha), que faleceu este ano, também esteve na Feira Literária de Boqueirão

Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Mora em João Pessoa (PB)



As odes de Ariano Suassuna

FOTO: DIVULGAÇÃO



*"[...] Somos seres terríveis, majestosos,
mas ainda incompletos,
soltos no seio áspero da terra
em que abrimos primeiro os parques olhos",*

enuncia o eu lírico na primeira das "Odes", de Ariano Suassuna, dirigida ao amigo José Laurênio de Melo, e publicada pelo *Gráfico Amador*, em 1955.

O tom sentencioso destes versos, que vai perdurar nas outras odes, num total de sete, parece marcar um momento singular na poética do autor de "A pedra do reino". Cadenciando a "expressão especial da apóstrofe lírica", para me valer das palavras de Wolfgang Kayser, em sua "Análise e interpretação da obra literária", estabelece, assim, uma espécie de diálogo com os seus destinatários (José Laurênio de Melo, Zélia, a esposa, Francisco Brennand, José Paulo Cavalcanti, Aloísio Magalhães, Antônio Montenegro e Gastão de Holanda), ao mesmo tempo em que convoca o lirismo filosófico para refletir sobre a vida, o amor, a arte e a morte.

A ideia da incompletude do ser e o sentimento da finitude associados à ânsia do absoluto desvelam a consciência trágica do eu poético, numa dicção em que temática e discurso se correspondem, objetividade e subjetividade se conformam e razão e emoção se equilibram. Tudo, dentro dos princípios retóricos que a ode, a ode moderna e livre, consagra no itinerário interno e específico de sua tradição estética.

Essa contradição, ou melhor, esse paradoxo entre vida e morte como que sustenta a melodia grave da "Ode" a Laurênio, sem descurar o eu lírico, em instância alguma, da contenção do entusiasmo emotivo que, vista a história desta forma poética, tende a cristalizar-se como substância retórica essencial. À maneira eliotiana, diria que Ariano Suassuna, aqui e em tantas outras incursões poéticas, ▶



▶ contém a emoção, doma a personalidade, e faz de sua composição lírica um complexo aforisma no qual as ideias, as imagens e a sua intrínseca musicalidade atingem o ponto máximo da estesia, abrindo também o leque da cognição. Ou, como diria Horácio, uma das suas referências na enunciação ódica: deleita e ensina.

Se “procuramos, sem falha de esperança,/aquilo que é sem nome”, continua o eu poético, constatando, mais à frente e ao compasso do Eclesiastes, a possibilidade de se chegar o “momento do desvelo,/que vai se desvendar todo o segredo”, onde “tudo há de aclarar”, pois “é tempo de saber e de saciar-se”, é porque

*esse instante grave e definido
tem tanta força e ardência
que no mesmo momento em que se gera
- forte e temível, medo e descoberta –
o dom amadurece
e o tecido da morte que formava
como que a própria trama da existência,
nesse clarão exato
cumpre o fruto em que tudo se consuma.*

Somos seres para a morte, afirma Martin Heidegger. Ariano Suassuna, aqui e em outros passos líricos, aceita e confirma este postulado e o retoma sempre, no corpo de sua poesia, como forma de expressão do seu sentimento trágico diante da vida. Não obstante, sem o travo amargo do pessimismo puro, conforme sugerem os versos finais desta ode, senão vejamos:

*{...} E se esse testamento
parece, antes, legado de infortúnio,
saibamos nos conter, que a própria vida
é, de si, sem apelo,
turva na sua luz pura e selvagem,
áspera e bela como a voz dos homens
ou o hálito das feras
e é mesmo nessa falha que consiste
seu cerne de promessa e conclusão.*

A segunda ode, escrita para Zélia, é toda uma reflexão poética acerca do amor. Reflexão cheia de dúvidas, de indagações e de hipóteses, através de uma técnica de composição em que à lógica, quase silogística dos versos, soma-se o impacto estético das imagens. Na concepção do eu lírico, se o amor não escapa à “corrução” e caminha junto “ao som da morte”, ainda assim vale a pena. É o tema latino do *carpe diem* que se imiscui na ordem do poema, pois, como enuncia a voz poética,

*qualquer previsão falha no mundo:
não sabemos de nada para a frente
e o que passou se apaga
sem querer ou por medo ou por defesa.
Durai, então, semente e juventude!
E cresce tu, ó frágil
sentimento do fogo e do sagrado!*

As três odes que se seguem, destinadas a Brennand, a José Paulo Cavalcanti e a Aloísio Magalhães, trazem à tona o tema da arte, o tenso confronto entre a criação e a realidade. À insatisfação dos três face aos limites da linguagem perante o inapreensível movimento do mundo e o inexprimível fluxo existencial, Ariano responde, sem escamotear a dimensão trágica deste embate, porém fiel, nietzscheaneamente fiel, aos imperativos inamovíveis da vida.

*Nossa vida, Francisco, é muito estranha:
tudo nela é restrito e se desgasta
{...}
o que se tem é pouco
ante o que se deseja e se presente
{...}
louvemos fielmente a dura vida
nas formas e nas cores.
Quanto ao mais, não pertence a nossa alçada:
olhem sem rancor e emudeçamos.*

Este tom de sugestão, mais que de conselho; esta fala que se assume – tudo leva a crer - inteiramente hipotética, em nenhum momento abdica da condição trágica, embora consiga vislumbrar o prêmio de algum sentido, a brisa de alguma transcendência, principalmente por meio da expressão artística, esta virtude de “palpar os destroços da beleza”, como diz o poeta na ode a Laurênio.

Nas duas últimas, dirigidas a Antônio Montenegro e Gastão de Holanda, o poeta retoma a incursão filosófica mais aberta, tratando das perdas e insistindo no motivo da morte enquanto elemento que integra o tecido da vida. Repito: o sentimento trágico que penetra o olhar do poeta, sobretudo emoldurado em algumas imagens realistas, como que coaguladas no fogo e no sangue, não elide o sopro intenso e constante de uma visão redentora, somente possível num poeta cuja voz não se limita à estreita geografia da imanência materialista. ■

Hildeberto Barbosa Filho
é poeta, crítico de literatura e
professor da Universidade Federal da
Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

Reminiscências fragmentadas

Caio Porfírio Carneiro
Especial para o *Correio das Artes*

I

Minha estreia em livros se deu em 1961, com *Trapiá* (contos). Ajudado por Ricardo Ramos, que o prefaciou, por Jorge Medauar, Paulo Dantas e Lélío Castro (diretor da Editora Francisco Alves, aqui em São Paulo), o meu livro foi programado para sair na badaladíssima “Coleção Alvorada”, logo após o lançamento do livro *Laços de família*, de Clarice Lispector, e anunciado já na orelha da contracapa do livro dela. A coleção só tinha “cobra”, escritores famosos. E lá me vi entre autores que só conhecia de nome e leitura.

A Clarice Lispector era, há muito, nome nacional. Simples e meiga, creio que até um tanto insegura. Falava com todos com muita humildade.

Pois um dia, no escritório da editora, no andar superior da livraria, pegou-me pelo braço, sentamo-nos num canto da sala e ela me perguntou:

– Caio, você acha que vou vender bem no meu lançamento?

Tomei um susto:

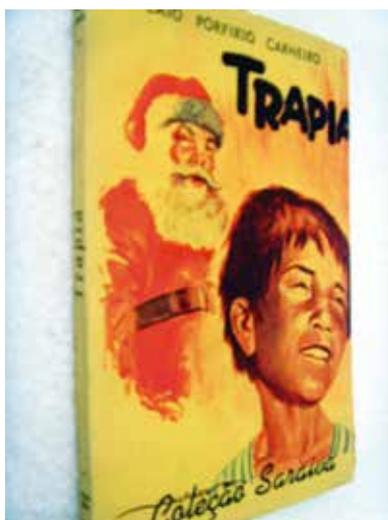
– Você, Clarice?! Pelo amor de Deus! Eu é que estou rezando para vender alguns exemplares, porque o seu anuncia o meu, que vem depois. Eu não conheço ninguém. Estou aparecendo agora.

Suspirou, levantou-se:



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Clarice Lispector (1920-1977), autora, entre outras obras, de A hora da estrela e A paixão segundo G. H.



Trapiá, livro de estreia, publicado em 1961, reúne contos inspirados na vivência do autor no Ceará

– Não sei não.

O lançamento de *Laços de família*, dias depois, foi um estouro. Autografou um exemplar para mim naquele sufoco.

Depois do lançamento, já muito tarde, abraçou-me:

– Fui bem, não fui?

Nem respondi. Só pensava no meu *Trapiá*, que sairia no mês seguinte.

Além da minha família eu só conhecia meia dúzia de “gatos pingados”.

Clarice Lispector estava no Rio, onde morava, e não viu que para um estreante não fui mal, mas fui um riachinho diante do seu rio encachoeirado de gente. ▶



Luís da Câmara Cascudo (1898-1986). etnólogo e folclorista

II

► O renomado etnólogo e folclorista Luís da Câmara Cascudo foi eleito Intelectual do Ano em 1977, com o livro *O Príncipe Maximiliano no Brasil*. Não pôde ir a São Paulo para receber, na sede da União Brasileira de Escritores, o troféu *Juca Pato*. Embora sadio e forte, lúcido e escrevendo artigos e livros em Natal, onde morava, foi vítima de uma surdez completa. Só conversava com alguém através de bilhetes.

A Universidade de Natal pagou viagem e hotel à comissão que se deslocou para a capital do Rio Grande do Norte para entregar-lhe o troféu. Fiz parte da comissão. Foi uma festa concorrida, na própria Universidade.

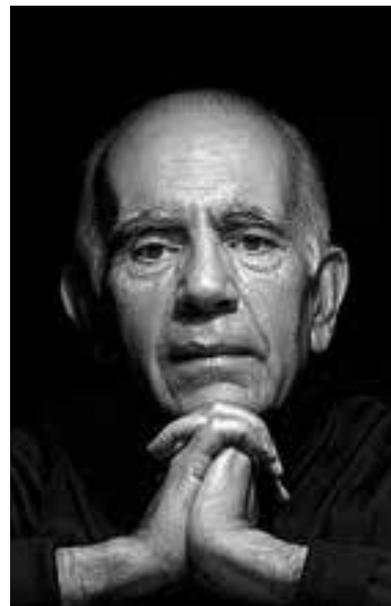
Fomos várias vezes à casa de Luís da Câmara Cascudo. Recebeu-nos muito bem e respondia a todos através dos bilhetes que lhe entregavam. Tirei um papel de um bloco sobre a mesa e lhe escrevi um, assinando-o. Perguntei como ele conseguia descobrir passagens mínimas, mas importantes, de tantos nomes ilustres e do nosso passado histórico. Ele leu o bilhete em voz alta, olhou para mim e respondeu:

– Descobrimo os cupins da História, Caio.

Todos riram e eu também.



**Perguntei-lhe,
a certa altura,
como tinha
conseguido
escrever o
monumental *O
Tempo e o Vento*,
obra em três
volumes.
– Nem me fale .
. . Me pergunto
isto até hoje . . .**



Érico Veríssimo, autor de O tempo e o vento

III

O escritor Érico Veríssimo, depois de fazer uma concorrida palestra no auditório da antiga sede da União Brasileira de Escritores, na Rua 24 de Maio, 250 - 13º andar, aqui em São Paulo, divulgando o lançamento do seu romance *O Senhor Embaixador*, sentou-se numa roda descontraída, no salão de recepção da sede, da qual participei. Perguntei-lhe, a certa altura, como tinha conseguido escrever o monumental *O Tempo e o Vento*, obra em três volumes, os três juntos, mais de mil páginas, percorrendo vivamente sobre duzentos anos da história gaúcha, com inúmeros personagens e entevos continuados... Uma epopeia vibrante, palpante, sem deixar escapar uma ponta sequer.

Respondeu:

– Um momento só.

Levantou-se, atendeu alguém, voltou, sentou-se, pôs a mão no meu ombro:

– Nem me fale . . . Me pergunto isto até hoje . . . ✖

Caio Porfírio Carneiro é escritor.
Mora em São Paulo (SP)

Poema de Jacobo

Maya

Jacobo H. Montelongo
Especial para o *Correio das Artes*

Un soplo eleva la basura a voladora
la enreda en los cables titubeantes

Los semáforos que repiquetean en sus órdenes
y el yermo que no hace caso

Los postes forzados a palmeras danzantes
donde más de uno tropieza la armonía

Los roedores navegantes que inundan las calles
sin temor de la furia y su jauría

Los cristales en trozos de mil pedazos
reflejan la cola de los cielos

Alarmas estridentes ahogándose
en el resoplo de las estrellas

Los héroes de bronce
que caen desde sus pedestales

Y los santos de cera
ahora son magma suspendida

El brujo último de la cantina
se apresura en su trago último

La prieta abriendo bien las piernas
mas apretando bien su pubis

El silencio detiene el tiempo
la tierra se devuelve al cosmos

El maya lo había calculado:
"Polvo de diamante rayará los cielos,
volveremos a las estrellas..."



JACOBO H. MONTELONGO é natural de Guadalajara, México. É escritor e pesquisador, graduado em Engenharia Química pela Universidade de Guadalajara, PhD em Materiais Avançados pela Universidade Autónoma de Madri (Espanha) e pós-doutorando no Instituto de Física Gleb Wataghin da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É autor do livro de contos *Mente poderosa* e co-autor de antologias como *Día tras día y otros cuentos*, *Tregua y otros cuentos*, *Aquileida y otros poemas* e *Antología de microcuentos y cuentos breves*. O poema Maya foi gentilmente cedido pelo autor para publicação no *Correio das Artes*.

João H. Montelongo

Maia

Ronaldo Cagiano

Tradução exclusiva para o *Correio das Artes*

Uma lufada levanta veloz o lixo
o enreda nos fios que balançam

Os semáforos reverberam suas ordens
no ermo que não se importa

Os postes feito palmeiras balançantes
em que mais de um tropeça na harmonia

Os roedores navegantes que inundam as ruas
sem temor da fúria e sua matilha caçadora

Os cristais partidos em mil pedaços
refletem a cauda dos céus

Alarmes estridentes afogam-se
no ofegar das estrelas

Os heróis de bronze
que despencam de seus pedestais

E os santos de cera
agora são magma suspenso

O último bruxo da taverna
se apressa em seu derradeiro gole

A negra abrindo bem as pernas
mas apertando bem seu púbis

O silêncio detém o tempo
a terra se devolve ao universo

O maia já o havia previsto:
"Pó de diamante raiará nos céus,
retornaremos para as estrelas..."



RONALDO CAGIANO é mineiro de Cataguases e mora em São Paulo. Estreou em livro com *Palavra engajada* (poesia, 1989) e publicou, entre outros, *Concerto para arranha-céus* (contos, 2001) e *Dicionário de pequenas solidões* (contos, 2006). Com *Dezembro indigesto* ganhou o Prêmio Brasileiro de Literatura 2001 na categoria Contos. Colabora em jornais e revistas. Organizou, entre outras, as coletâneas *Poetas mineiros em Brasília* (2004) e *Antologia do conto brasiliense* (2005). A tradução de "Maia" foi feita atendendo convite do *Correio das Artes*.

A poesia dos mestres



Enquanto leio a produção poética contemporânea brasileira estou sempre re- lendo os poetas canônicos. Hoje quero falar, ainda que *en passant*, de três modernistas: Bandeira, Mário e Oswald. E de três contemporâneos: Drummond, Cabral e Augusto.

Bandeira surpreende pelo inusitado do cotidiano. Ele o vê tão de perto que nem parece realidade. Parece coisa de cinema. Ou cena de teatro. Tudo ali, à nossa frente. Na integridade de sua nudez mais coloquial. Sua musicalidade, aliada da entoação usual, resgata a fala do povo, como sempre desejou T.S. Eliot. E cria imagens sublimes da mais pura poesia. Ler Bandeira é ouvir a voz da criança, dos amantes e dos desvalidos. Tudo em sua poesia se torna ouro de mina.

Mário de Andrade retrata a alma do caipira e a do homem das cidades com uma verticalidade que revela o quão pouco, nós brasileiros, nos conhecemos. Sua apropriação do modo de falar do brasileiro, quer na semântica, na sintaxe ou na inflexão melódica, desalojou a poesia empolada que, em grande parte, ainda tomava conta do cenário poético. Ele foi um demolidor do império

dos sentidos exacerbados. Depois dele ninguém mais pôde fazer poesia com sabor parnasiano. Mas fez-se muita. E ainda se faz. O que revela, por parte destes ditos poetas, anacronismo estético e cultural.

Oswald, com seus poemas-valise, poemas-pílula, poemas-piada tirou o tapete de seriedade bem comportadinha. Ele invadiu a *Carta de Caminha* e desentranhou dela poemas antológicos. Pegou a antropofagia de nossos índios e a alçou ao grau de uma estética filosófica. Releu a história da nossa colonização esculhambando tudo que merecia ser implodido. Até hoje é um demolidor de mentes estanques.

Drummond, que não participou da Semana de 22, mas soube herdar dela o melhor, dispõe a vida em peças expostas tão ao sol e à luz que parecem de cristal, ao invés de barro. Seu humor corrosivo, sua lírica contida, seu senso de realidade social espelham um leque do homem brasileiro, e do homem de todas as geografias, criando um universo exemplar do que de melhor se produziu no país. Com sua marca definida, acabou deixando herdeiros de meia pataca. Aos montes. Mas o mais importante é a sua obra. Singular.

Única. Que mexe e remexe com o leitor. Em qualquer época. Ou lugar.

João Cabral revolve a matéria com tanta força e gana que nem parece que uma construção rigorosamente organizada dos versos e da poesia está presente ali. Seu apego à forma entrelaça-se a uma consciência de mundo social e artístico, num contínuo jogo de interdisciplinaridades e intertextualidades sígnicas e históricas. A palavra é tomada na sua materialidade mais concreta e palpável. A rima camufla-se nas vogais tônicas. A imagem condensa-se em tomadas microcinematográficas. Tudo é parcimônia. E beleza.

Augusto de Campos toma a palavra como matéria e a faz concreta ou maleável, conformando-a a seus quereres. Que são muitos ao longos de seis décadas de poesia. Augusto ensinou os poetas do mundo todo a trabalhar a palavra com rigor e sensibilidade, como coisas complementares. Um poeta digital *avant la lettre*. Ainda hoje sua poesia é negação da facilidade.

Evoé grandes poetas! ✦

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

Poemas de Amanda Vital

cuidado com quem seduz -
certos lustres são belos
mas jamais serão luz.

estou de greve -
sou contra
a alegria breve.

pernilongos
roubam o sangue
de veias poéticas

mas nunca rimam
com nossos ouvidos.

meu trevo
tem três folhas
meu olho grego
está míope
minha figa
tem mão aberta

toda sorte
desse mundo
nunca é certa.

me descubra
só não me explore -
a matéria prima
é escassa

nesse território
só poesia passa.



AMANDA DE CASTRO VITAL MACIEL tem 19 anos e é natural de Ipatinga (MG). Escritora desde os 12 anos no antigo blog "Memórias de Amanda" e, atualmente, na página do Facebook "Amanda Vital - Poesia". Estuda Letras na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desde o início de 2014. Faz poesias utilizando versos livres e brancos, porque acha que "o mundo é mais bonito quando é torto". Suas maiores inspirações são Paulo Leminski, Carlos Drummond de Andrade, Alice Ruiz e Saulo Mendonça. Mora em João Pessoa (PB)

Poemas de Dija Darkdija

Maldição pós-moderna

que a sua internet caia.

{{(e a bateria do seu celular acabe)
e não haja carregadores ou tomadas à sua volta]
acabe então a energia em seu bairro
e na tentativa de procurar outro ponto de acesso
que pife seu carro e não haja dinheiro para ônibus
que o cansaço e a preguiça então lhe tomem os membros
e o gps lhe leve para uma floresta densa
rumo ao pedido de desculpas que tu deves à natureza}}

o tempo é um agiota insano
me emprestou sei lá quantos anos
e vai vir pegá-los não sei quando

com juro eternos

achei que era.
não era.
dizia no rótulo: arte.
insira a senha para abrir.
tentei usar. não consegui.

chamei o hackerítico.
burlamos o firewall da pedância.
achei que era.
não era mesmo.

a saudade é um boi teimoso
ruminando lembranças
muito bem passadas

garantido mas caprichoso
se cutucar pisoteia

Bizahumanus

bolhas inseridas
em quadrados inser-
idos numa bola guardada
no guarda-cosmos

chaves sem fecho
perdidas em um carro
construído nos trancos e
barrancos e buracos e poças
e matos sem fim

uma estranha bala de diamante
que nunca quis sair da arma
com medo de furar um coração



DIJA DARKDIJA (Dijavan Luís Santos de Brito) nasceu em 24 de agosto de 1993, em João Pessoa. Escreve desde 2009 na internet, publicando atualmente em grupos do Facebook, no recanto das letras e em seu blog, "A Arte da viajosidade". Acreditando que tudo pode virar poema, escreve sobre diversas temáticas e formas, mas prefere o verso livre e poemas curtos, geralmente sem título. Se inspira em Paulo Leminski, na cultura oriental e qualquer outra coisa que lhe desperte a vontade de escrever. Mora em João Pessoa (PB).

Dicas para renovar sua estante

A política de retomada DAS EDIÇÕES FUNESC

Um dos mais importantes acontecimentos editoriais do ano foi o lançamento, em novembro, dos sete títulos de autores paraibanos contemplados no edital do Prêmio Literário Augusto dos Anjos. O concurso foi instituído pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba e deu um passo significativo na consolidação da nova política de incentivo ao autor das Edições Funesc.

Impressos n'A **União**, os sete títulos das Edições Funesc foram: *Cudegrude* de Ailton Ramalho e *Os ratos amestrados fazem acrobacias ao amanhecer* de Polábio Alves (contos), *Cangacioná-*

rio de Gil Hollanda (cordel), *Mistrais* de Anna Apolinário (poesia), *Cantilena* (texto de Sérgio de Castro Pinto e ilustrações de John Monteiro) e *Árvores* de Val Fonseca (quadrinhos).

O presidente da Funesc, Lau Siqueira, explicou que o objetivo das Edições Funesc é incentivar a produção literária paraibana, aproximando-a da população. Para atingir esse objetivo, exemplares das obras publicadas são disponibilizados para bibliotecas e distribuídos também com escolas municipais e estaduais. Já os autores têm direito a uma cota de livros.

MONTAGEM COM FOTOS DE WILLIAM COSTA E FRANCISCO FRANÇA



Autores contemplados no edital do Prêmio Literário Augusto dos Anjos, durante o lançamento das obras no Espaço Cultural

HORA E VEZ DE **Augusto dos Anjos**

FOTOS: DIVULGAÇÃO

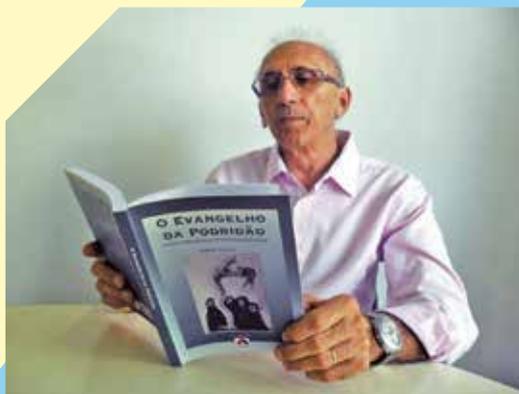


As homenagens a Augusto dos Anjos, no ano do centenário de sua morte, prosseguiram com o lançamento, no dia 10 deste mês, dos livros *Eu e outras poesias* (roteiro de leitura de Neide Medeiros Santos, ilustrações de Izaac Brito e apresentação de Maria do Socorro Silva de Aragão) e *Vida e poesia de Augusto dos Anjos – para crianças, jovens e adultos* (Juca Pontes, ilustrações de Lelo Alves).

As obras trazem o selo da Editora MVC, de João Pessoa, e a noite de autógrafos aconteceu na Fundação Casa de José Américo. Na ocasião, também foi aberta uma exposição em homenagem ao autor do *Eu*. Neide Medeiros Santos é leitora votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Juca Pontes é poeta, editor, jornalista e autor de diversos livros.



Capas das obras publicadas pela MVC em comemoração ao centenário de Augusto



Professor e escritor Chico Viana, autor de *O evangelho da podridão*

O “Evangelho”

DE CHICO VIANA

O outro evento que marcou as comemorações do centenário de morte de Augusto dos Anjos foi o lançamento, no dia 25 de novembro, também na Fundação Casa de José Américo, do livro *O evangelho da podridão – Culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*, do professor Chico Viana. A apresentação da obra foi feita pelo cronista e membro da Academia Paraibana de Letras, Gonzaga Rodrigues.

Com ilustração de capa assinada pelo artista plástico Flávio Tavares, *O evangelho da podridão* é outro fruto do projeto de parceria editorial entre o Governo do Estado e a Fundação Casa de José Américo. A obra foi impressa n’A União e é fruto dos estudos de doutorado do autor em Ciência da Literatura, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal da Paraíba.

Di Lorenzo Serpa:

A VIDA VISTA DO ALTO

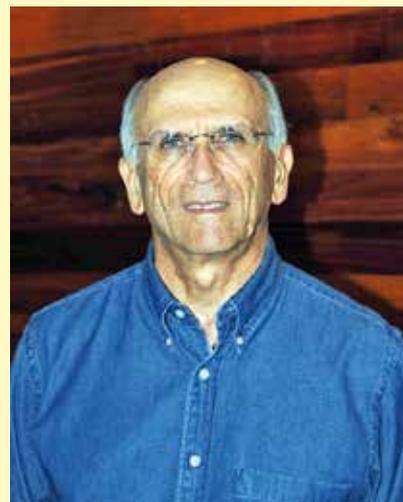
O desembargador José Di Lorenzo Serpa (foto) conhece muito de hermenêutica, talvez por isso transite com tanta desenvoltura em áreas como direito, religião e literatura: galgou postos avançados nos tribunais; internalizou, para melhor praticar, a essência dos ensinamentos cristãos e, além de grande leitor, optou pelo exercício de um gênero narrativo nobre – a crônica.

Do alto de seu apartamento na praia do Cabo Branco, Serpa observa a vida, reflete sobre o mundo e comenta o que vê e sente com os netos. Dessas

conversas com seus botões e seus descendentes surge parte considerável dos assuntos de suas crônicas, que o autor reúne em livros como *Telhados*, apresentado por Joanildo Mendes, prefaciado por Saulo Mendonça e ilustrado por Gilton Lira.

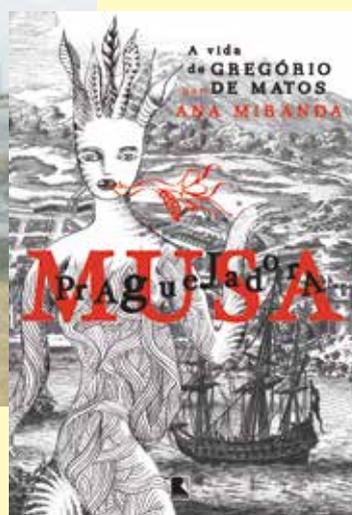


CRÔNICA DE UM PAÍS à deriva



"Desafio você a parar de ler este romance ao fim do primeiro capítulo. Porque aí já terá percebido que *Mierdamorfose* ou *O semeador da radical honestidade* é tão hilário quanto terrível, e já nasce clássico, na linha do *ridendo castigat mores* – rindo se castigam os costumes – no caso, os desta enorme esculhambação, em que o Brasil vem, cada vez mais, se tornando”.

Eis um trecho do texto que W. J. Solha assina nas “orelhas” do novo livro do escritor manauara Carlos Trigueiro (foto), *Mierdamorfose...* (7Letras, Rio de Janeiro, 176 páginas, R\$ 35). O romance conta a história do professor Anastácio Penaforte, que tem um surto e parte para o Rio de Janeiro em uma aventura maravilhosa e ridícula, mostrando as faces de um país desordenado e confuso.

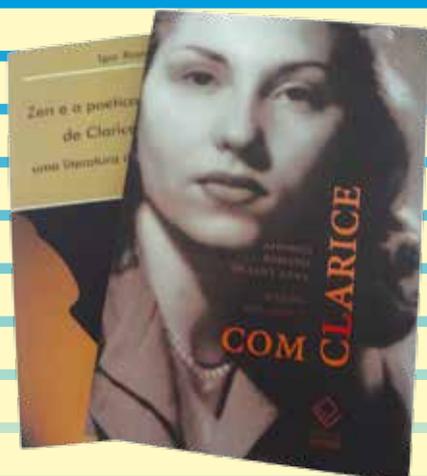


NOVA BIOGRAFIA DO “BOCA DO INFERNO”

Romances que unem ficção e história são o forte da poeta e escritora cearense Ana Miranda (foto). Ela é autora de pelo menos duas obras, na confluência dessas duas áreas, que se tornaram antológicas: *A última quimera* (sobre o poeta simbolista e

pré-modernista paraibano Augusto dos Anjos) e *Boca do Inferno* (sobre o poeta barroco baiano Gregório de Matos).

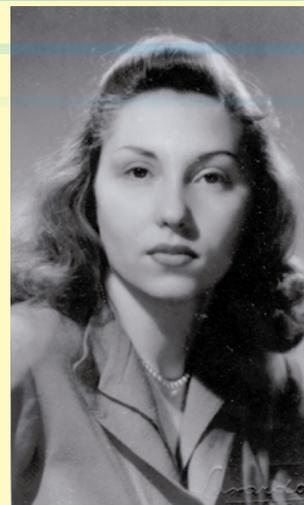
Pois bem. Em *Musa praguejadora* (Record, Rio de Janeiro, 560 páginas, R\$ 62), Gregório de Matos volta a ser o centro das atenções de Ana Miranda em uma biografia na qual a escritora, com maestria, combina rigor histórico e lirismo, que lança um olhar poético sobre a vida do poeta barroco em uma biografia repleta de pertinentes intervenções.



Para estar mais perto de **Clarice**

A Editora Unesp disponibiliza em seu catálogo dois livros que não podem faltar na estante dos leitores da escritora e jornalista ucraniano-brasileira Clarice Lispector (foto), falecida em 9 de dezembro de 1977: *Affonso Romano de Sant'Anna e Marina Colasanti com Clarice* e *Zen e a poética auto-reflexiva de Clarice Lispector: uma literatura de vida e como vida*, de Igor Rossani.

O primeiro é um “documento lírico e intimista” da amizade de Affonso e Marina com a autora de *A paixão segundo G. H.* É um modo de estar ao lado da escritora. O segundo apresenta Clarice como uma escritora hermética, “imbuída de consistente tendência mística (...) pelo sentido de mistério que se agrega à base mesma da escritura, modulando as experiências que vislumbra um texto”.



Assis Valente: UM MISTÉRIO DESVELADO



Gonçalo Jr. revela os bastidores da indústria fonográfica

O jornalista e escritor baiano Gonçalo Júnior é considerado um atilado pesquisador de música brasileira. Em *Quem samba tem alegria* (Record, Rio de Janeiro, 644 páginas, R\$ 65), ele conta a vida, a obra e o tempo do autor de músicas fundamentais da chamada Era de Ouro do rádio, como “Boas festas”, “Cai cai balão”, “Brasil Pandeiro” e “Camisa listada”, entre tantas outras.

Gonçalo mergulha no sub-mundo da música e do rádio, trazendo à tona seus vilões ardilosos, intrigas, roubo e compra de sambas e marchas que ajudaram Assis Valente a ter um fim trágico. E aponta um provável motivo (guardado a sete chaves por mais de setenta anos) para tantas dívidas. Está definitivamente revelado, em mais de 600 páginas, o mistério chamado Assis Valente (para tanto, basta ler a obra).



AFORISMOS DE **Baltasar Gracián**

O presidente executivo da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), Luís Roberto Antonik, apresenta uma nova versão para *A arte da prudência* (Virgiliae, São Paulo, 224 páginas, R\$ 34,90), do jesuíta Baltasar Gracián (1601-1658). Esta é a primeira vez, no Brasil, que a obra ganha uma tradução completa

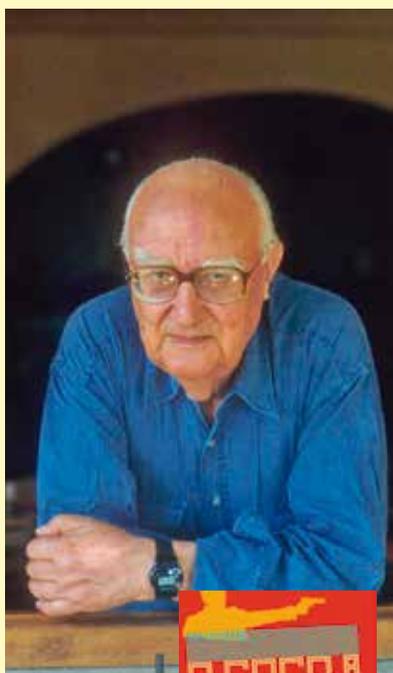


dos 300 aforismos do autor espanhol.

De acordo com a Virgiliae, a obra de Baltasar Gracián (foto) situa-se no topo da melhor literatura espanhola. Uma das suas principais características é a densa rede de referências disponíveis sobre cada uma de suas palavras. “O trabalho de Gracián, se analisado coletivamente, é a verdadeira essência da literatura barroca espanhola”, assegura a editora.



Capa da obra publicada pela Editora Virgiliae (SP)



Camilleri é um dos grandes mestres da narrativa policial da atualidade



AVENTURAS DO INSPETOR MONTALBANO

Quem já se acostumou com a maneira meio séria, meio cômica, porém infalível do inspetor Montalbano solucionar os intrincados casos que surgem na cidade italiana de Vigàta, não pode perder o novo livro da série de aventuras policiais do premiadíssimo Andrea Camilleri, *A caça ao tesouro* (Record, Rio de Janeiro, 240 páginas, R\$ 30), que segue a linha de *O cão de terracota*, *A forma da água* etc.

Tiros, artigos religiosos e uma boneca inflável configuram a cena do crime. Montalbano recebe uma série de cartas que o convidam para uma misteriosa caça ao tesouro. Intrigado, ele aceita, tratando as mensagens como enigmas divertidos. Mas à medida que o jogo se mostra cada vez mais tenebroso, o comissário se dá conta de que está lidando com um perigoso psicopata.

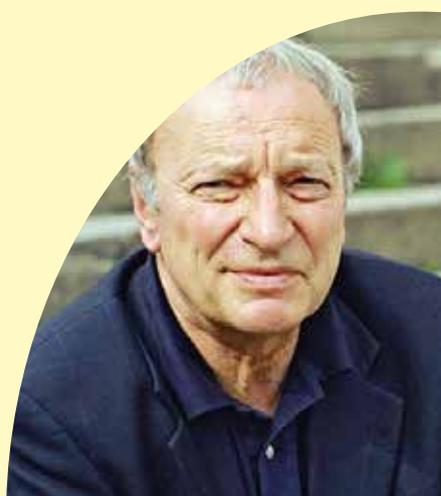
Reflexão SOBRE A HISTÓRIA DO LIVRO

Em *A mão do autor e a mente do editor* (Unesp, São Paulo, 352 páginas, R\$ 48), Roger Chartier faz uma minuciosa análise do processo de continuidade e descontinuidade da palavra escrita, partido de Gutenberg até chegar à invenção do conceito moderno de literatura, oferecendo significativa contribuição para a atual reflexão sobre a história do livro.

A obra (traduzida por George Schlesinger e lançada recentemente em São Paulo, com a presença do autor) reúne 12 ensaios, versando sobre historiografia, crítica textual e estudos bibliográficos. Constitui uma espécie de arqueologia do processo editorial, mostrando que “a mão do autor” e “a mente do editor” nunca estiveram separadas de fato, no processo de feitura de livros.



A obra de Roger Chartier foi publicada, no Brasil, pela Editora Unesp



FATOS REAIS DA II GUERRA MUNDIAL

À sombra do meu irmão (Dublinense, Rio de Janeiro, 160 páginas, R\$ 34,90), do escritor alemão Uwe Timm (foto), já chegou às livrarias do país. O romance traz o sensível relato de Timm escrito com base nos diários de guerra do próprio ir-

mão, morto em combate pela SS nazista em 1943. A obra é um potente retrato testemunhal da vivência do período nazista e do pós-guerra na Alemanha.

Karl-Heinz morreu na front, na Ucrânia, aos 19 anos, após se alistar voluntariamente. Uma vida tão curta quanto a do irmão mais velho de Uwe. A brevidade da juventude do primogênito é inversamente proporcional às profundas marcas que sua morte deixou, e a seu efeito duradouro no cotidiano dos que viveram após o fim da Segunda Grande Guerra.





EBOOKS PARA DOWNLOAD GRATUITO



A Editora Unesp está disponibilizando mais 39 títulos digitais, passando a oferecer 400 ebooks para download gratuito. Dos livros, 14 foram produzidos pela Pró-Reitoria de Extensão (Proex), cinco pela Pró-Reitoria de Pesquisa (Prope) e 20 pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação (Progp) da Unesp, sempre em parceria com a editora.

“Com as publicações a universidade reconhece a importância do trabalho editado para a qualificação docente e demonstra a percepção de que a digitalização da produção acadêmica é um caminho sem volta”, afirma Jézio Hernani Bomfim Gutierrez, editor executivo da Editora Unesp. No total, a Unesp dispõe de 400 ebooks disponíveis para download gratuito. Abaixo, capas de ebooks da Unesp.



História

FILOSÓFICA DO SÉCULO

XIX

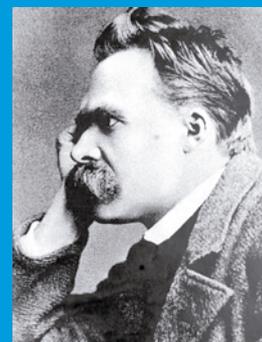


Em *De Hegel a Nietzsche* (Unesp, São Paulo, 458 páginas, R\$ 89), o filósofo alemão Karl Löwith reúne estudos que enfocam o período compreendido entre as vidas de Hegel e Nietzsche e procuram “reescrever”, no horizonte do presente, a história filosófica do século 19. A tradução é assinada conjuntamente por Flamarion Caldeira Ramos e Luiz Fernando Barrére Martin.

Na primeira parte, Löwith estuda afinidades e hostilidades recíprocas dos dois célebres pensadores. Na segunda, organiza suas ideias em torno dos temas mais importantes do pensamento daquele período, dedicando um capítulo para cada conceito – sociedade, educação, trabalho, Cristianismo, humanidade –, demonstrando como todos eles se transformaram em um problema.

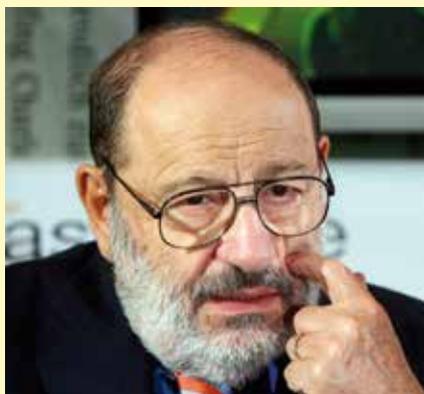


Friedrich Hegel (1770-1831) foi um dos criadores do “idealismo alemão”



Friedrich Nietzsche (1844-1900) tinha predileção por metáfora e aforismo

NOVO LIVRO DE UMBERTO ECO EM 2015



A Editora Record (RJ) comprou os direitos do próximo livro de Umberto Eco (foto), *Número zero*. A história se passa numa redação de jornal, na Itália de 1992. O pano de fundo é a Operação Mãos Limpas, na qual políticos influentes e empresários poderosos foram parar no banco dos réus após uma investigação contra a corrupção que implodiu o sistema político italiano.

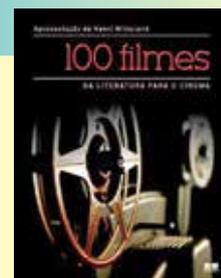
Número zero será publicado no Brasil em 2015. Eco é autor de obras magistrais, tanto no ensaio (*Apocalípticos e integrados*) como na ficção (*O pêndulo de Foucault*). O romance *O nome da rosa*, lançado em 1980, projetou o autor em escala mundial. O livro foi adaptado para o cinema por Jean-Jacques Annaud, com Sean Connery e Christian Slater nos papéis principais.

DAS PÁGINAS PARA AS TELAS



A adaptação cinematográfica de romances, contos, novelas etc. sempre foi motivo de polêmicas. Isto porque, nem todos os cineastas foram bem sucedidos quando utilizaram a literatura como fonte de inspiração. O segredo para transpor a história das páginas para a tela parece conhecido apenas por alguns poucos, com foram os casos de Kubrick, Renoir e Bresson.

Henri Mitterand (foto), no livro *100 filmes: da literatura para o cinema* (Best Seller, Rio de Janeiro, 352 páginas, R\$ 79), traduzido por Clóvis Marques, examina a arte e a técnica da adaptação através casos que levantam questões diversificadas. Este mergulho edificante no mundo da sétima arte mistura filmes de diversas nacionalidades, épocas e gêneros, da literatura policial à ficção científica.



OS CAVALEIROS ESTÃO DE VOLTA



As novelas de cavalaria não perdem o frescor e continuam responsáveis pela formação de jovens leitores. Pelo menos é assim que deve pensar a escritora alemã Felicitas Hoppe (foto), autora de *Ivã, o Cavaleiro do Leão* (Estação Liberdade, São Paulo, 200 páginas, R\$ 37), ilustrado por Midori Hatanaka e traduzido por Renata Dias Mundt, que acaba de chegar às livrarias brasileiras.

Ao tratar de valores como honra e bravura, essa bela história medieval conserva seu encanto. O livro é uma adaptação do romance homônimo de Hartmann von Aue, poeta alemão do século XIII, que, por sua vez, também traduzira livremente sua obra a partir do texto original de Chrétien de Troyes (1135-1191), trovador francês tido como um dos precursores dos romances de cavalaria.

NOVELA DE OGAI MORI GANHA EDIÇÃO BRASILEIRA

“Uma história sobre o desenvolvimento da vida sexual de qualquer personagem na literatura já criaria naturalmente em torno dela uma aura de curiosidade. Que dirá no caso de uma novela de cunho assumidamente biográfico escrita por um autor japonês do início do século XX. Pois é essa a premissa deste *Vita sexualis*”.

É com essas palavras que os editores da Estação Liberdade, de São Paulo, apresentam a novela autobiográfica do escritor japonês Ogai Mori (1862-1922). *Vita sexualis* acaba de chegar às livrarias brasileiras. Na obra, Mori (foto) põe o personagem Shizuka Kanai (alter ego do autor) para contar a dor e a delícia das consequências próprias e inerentes à libido. A tradução é de Fernando Garcia.



Poemas de Félix Di Lásccio

Confusão da Humanidade

“Pergunto-me: o que significa o inferno? Afirmo: a incapacidade de amar.” (Fiódor Dostoévski)

Então lhe disse o anjo bom:
“Sai de mim que não quero ser má.” – E o anjo querubim,
perdido na escuridão, seguiu o caminho ignorado.

Ilusão de Ótica

Ao poeta Quelyno Souza

Todo amor
Quando acaba é cego.

Toda paixão
Que se preza
É cega.

Os óculos que
Você usou meu amor
Não tinha lente de
Contato!

Anjo devasso

Anjo torto
Anjo morto.
Se valeu das
Asinhas depois
Do tombo.

Pergunta indireta

Diz com quem
Tu andas,
Que eu te
Direi
Quantas antas
Caminha ao
teu redor!



FÉLIX DI LÁSCIO, pseudônimo de Arnaldo da Silva Félix, tem 57 anos e é natural de João Pessoa (PB). Integrou o grupo Oficina Literária em 1982, através do qual publicou seu único livro, o caderno *Discurso panfletário*. Tem poemas publicados em diversas antologias. Atualmente, edita o blog www.napoltrona.net, onde publica toda a sua produção. Mora em João Pessoa (PB).

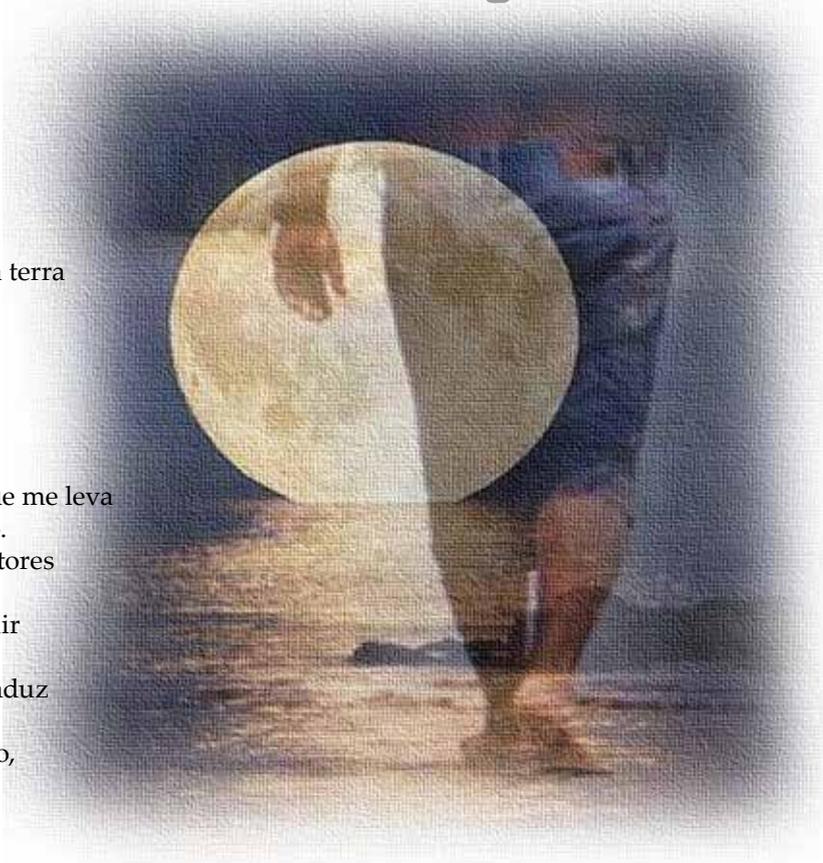
Poemas de José Edmilson Rodrigues

o que me leva da vida?

a morte não me leva a nada
a morte não me leva a nada
apenas me tira a vida.
e se de repente antes penso,
que caminho trilhar?
devo está crucificado entre o telhado da terra
e as nuvens que enfeitam o céu.
um breve facho de luz
que cintila na distância,
talvez uma estrela ou
um resquício de claridade
entre um meteoro e outro.
a morte atassalha, mas antes de tudo, sei que me leva
suave, trágico, abrupto ou amando.
sei que me transporta entre fios condutores
e dimensões impensáveis
ao encontro d'algum ser para redimir
apontar, achacar os defeitos.
a morte não me leva a nada, só me conduz
e me deixa escasso aos olhos
da família, dos amigos e desapareço,
viro fumo que em pouco tempo
some também.
deus, deus, me espera aonde?
que lugar da vida?
que esquina do tempo?
a morte não me leva a nada
só me tira a vida.

memória

o que se faz
quando a memória
teima, vem
como um visgo
que não se rescinde,
grudada sempre
como uma repetição
trágica do que se
encontra encolhido
no coração.
é a lembrança
que continua
e não se reseta.
acordada, descansa
em banho-maria.
é a memória acesa
tapeando o instinto.
pois, tudo pode
ser esquecido.
mas, é a memória
que força,
que tolha,
que bloqueia.
a memória,
a memória.



silhueta

sua foto tem uma cor em tom pastel
mas não é exatamente o retrato,
nem é a pintura,
porém, é você que tem essa estação
e que repassa resquício de um tempo antigo
de um rosto ancestral
de uns olhos remotos
e de uma boca de sempre,
atemporal.

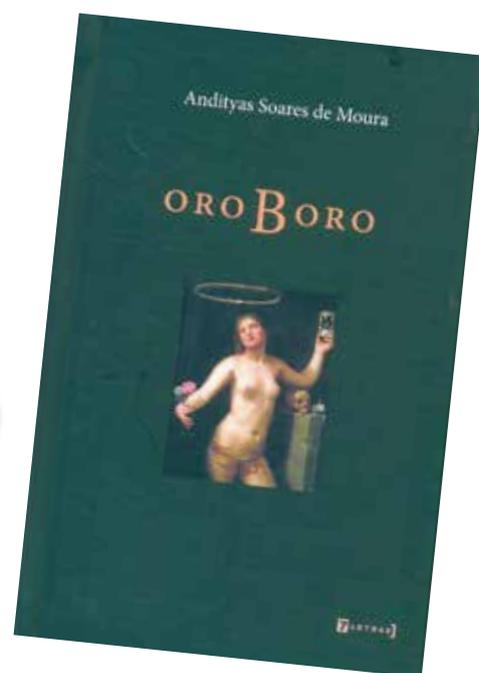


JOSÉ EDMILSON RODRIGUES
é funcionário público, advogado,
poeta e ensaísta paraibano, mestre
em Cultura e Interculturalidade. É
membro da Academia de Letras de
Campina Grande e co-organizador,
entre outros livros, de *Memorial
Urbano de Campina Grande* (1996) e
autor de *Paraíba - Nomes do Século
- Raymundo Asfora* (2000), *Nomes
do Século - Virgínius da Gama e
Melo* (2000) e *Campina Grande
- 150 anos: as múltiplas memórias -
uma história da cidade* (2014).

oroBoro

e os sintomas

DE UMA BUSCA RADICAL



Ronaldo Cagiano
Especial para o *Correio das Artes*

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Andityas Soares de Moura é poeta, ficcionista, tradutor e pensador da ciência jurídica e da filosofia

Desde sua estreia com a edição independente de *Ofuscações* (1997), o escritor (mineiro de Barbacena) Andityas Soares de Moura vem erguendo seu sólido edifício literário com uma bibliografia particularíssima, tanto como poeta, ficcionista e tradutor, como pensador da ciência jurídica e da filosofia. Sua obra vem consolidando espaço e presenças marcantes no campo literário e jurídico pela profundidade com que realiza seus mergulhos poéticos e investigações crítico-ensaísticas.

Com uma trajetória como professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em Filosofia do Direito e Doutor em Direito e Justiça pela mesma instituição, Soares de Moura tem se dividido entre o magistério acadêmico e a criação literária com a mesma intensidade, consciência ética e responsabilidade estética. Em sua poesia, de peculiar densidade e inflexão reflexiva, vamos encontrar um autor que bebeu nas grandes fontes – antigas e contemporâneas – da poesia mundial, revelando seu trânsito não apenas pela cultura clássica greco-romana quanto pelas diversas escolas modernas. É o que se depreende da leitura de *Lentus in umbra* (2001, com tradução espanhola de Francisco Álvares Velasco), *Os encantos* (Ed. In Vento, 2003), *Fomeforte* (idem, 2005), *Algo indecifavelmente veloz* (Edium, Portugal, 2007) e *Auroras consurgem* (Ed; 7Letras, 2010). Além disso, organizou e traduziu antologias, entre as quais *A letra e o ar: palavra-liberdade na poesia de Xosé Lois Garcia* (editado em Portugal e Espanha), *A rosa dos claustros*, de Rosalía de Castro (Ed. Crisálida, 2004) e os volumes *Com/Posições*, *Isso* e *Dibaxu/debaixo*, do poeta argentino Juan Gelman, recentemente falecido.

Em seu novo percurso, Soares de Moura revela-se um contista de elevada pulsação com os textos de *oroBoro* (Ed. 7Letras, Rio). São dezoito narrativas que panorami-

zam um olhar multifário sobre os escaninhos de universos reais e atmosferas oníricas, que nos catapultam aos abismos insondáveis da alma e aos labirintos do inconsciente, verdadeiro espelho borgiano da condição humana projetada numa ficção permeada de atalhos e palimpsestos.

Nessas histórias que marcam, em alto estilo, sua estreia como contista, encontramos um autor harmonizado com os grandes dilemas humanos, preocupado intimamente com as dicotomias da própria realidade do “mondo cane”, que muitas vezes superam a própria fantasia e o delírio para se impor como teatro de indagações e instância de inquietação metafísica. Tudo o que é lógico e natural, tudo o que parece ser racional ou tangível metamorfoseia-se no nonsense e na poliformia para revelar-se como território de uma percepção aguda e cirúrgica do caos generalizado em que se travestiu o que nos é palpável.

Os contos de *oroBoro* aprofundam (ou radicalizam), tanto na temática quanto na economia de meios (são textos breves, mas pungentes e de uma força metafórica e semântica vitais e contundentes) os fossos ancestrais que caruncham nosso espírito e bifurcam nossa consciência crítica, porque são reações especulares dos desertos interiores não apenas das personagens, mas também do autor, que instaura uma *práxis* crítica ao mapear situações-limite.

O título do livro recorre ao mito grego da serpente que morde o próprio rabo, numa alusão à literatura como processo permanente de (des)construção, pois o movimento devorador e circular está presente na vida e na própria essência da criação artística, sugerindo o eterno retorno, à espiral e o ritmo da vida, que é ao mesmo tempo caminhada para a morte e a reconstrução.

Nessa obra é pujante a ideia de ligação entre o novo e o arcaico, o passado e o presente, um moto-contínuo conceitual buscado

à exaustão pelo autor, como nos confirma o desfecho com chave de ouro com o derradeiro conto “O que disse o livro”: “Toda negligência é deliberada. Todo esquecimento um rechaço, todo encontro casual um encontro marcado, toda humilhação uma penitência, todo fracasso uma misteriosa vitória, toda morte um suicídio. Eu escolhi não morrer.” Percebe-se, ainda, que tanto na linguagem quanto na temática, a visão do círculo vai se delineando, o que parece indicar, além do perpétuo retorno, o sentido espiralar da evolução, a coreografia sagrado-profana de morte e reconstrução.

Andityas Soares de Moura consubstancia nessa obra não apenas a relação ficcional com a realidade e seus paradoxos, mas arquiteta um diálogo com os símbolos de nossa perplexidade e uma preocupação com o lugar da arte como expressão máxima do pensamento, nesses tempos contaminados pelas etiquetas e pela coisificação.

Sua literatura está a anos-luz do lixo poético-ficcional que hoje é proclamado e incensando pela mídia hegemônica e monopolista do eixo Rio-São Paulo, porque é um autor verdadeiramente preocupado com a criação e não com os artifícios e pressões do mercado, sem fazer concessões de qualquer espécie a diatribes conciliatórias ou facilidades de qualquer natureza, como fazem tantos “astros” que gravitam nessa galáxia flatulenta que frequenta os cadernos de cultura mais por injunções do compadrio do que por mérito e talento. Pois como diria, Enrique Vila-Matas, em “Doutor Pasavento”, dos contos de Andityas também parece sair uma voz definitiva e contundente que, em sua busca radical, nos acicata com seu ricochete: “Não somos daqui. E só a literatura parece se ocupar com seriedade de nosso espanto.” ✦

**Nos contos
reunidos em
oroBoro, Andityas
Soares de Moura
arquiteta um
diálogo com os
símbolos de nossa
perplexidade e uma
preocupação com o
lugar da arte como
expressão máxima
do pensamento.**

Ronaldo Cagiano é escritor e ensaísta.
Mora em São Paulo (SP).

Poema de Carlos Alberto Jales



O tempo e a bicicleta

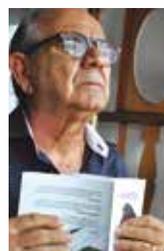
Sentado num banco de praça,
olho este menino que percorre o mundo numa bicicleta,
arma redentora de sua viagem

Outro menino surge nos fragmentos da memória,
um menino de uma infância envelhecida,
um menino coberto de andrajos do tempo,
mas assim mesmo cantando para o sol

Será que os dois são capazes de conviver?
Estará o menino da bicicleta contente com
uma brisa que acaricia seu rosto?

E o menino da infância envelhecida,
conseguirá distinguir a agonia de agora,
das vozes que o convidam para voltar?
E o tempo?

Os dois não sabem,
os dois não percebem,
e continuam a percorrer o mundo numa bicicleta,
e a sonhar com uma relva iluminada,
onde passos silenciosos e rostos recriam
o indemarcável território da memória



CARLOS ALBERTO JALES COSTA é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade Federal da Paraíba e Universidade Católica de Per-

nambuco. Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia. *Vindimas da solidão* (poesia) é o mais recente.

Poemas de Fernando Pessoa de Aquino

Escultura

O cinzel bate com determinação
na pedra bruta, no mármore
incitando a transformação.

Talhado, são pedaços que ficam
outros que vão, fissuras na alma
e no coração.

Brunido, partes criam brilho
desembrutecendo o mármore
parindo um filho
aflorando a árvore.

A escultura em movimento, em metamorfose
que os anos envelheceram
não foi Bernini que esculpiu
foi a vida!

Barroco

São letras que se misturam
numa folha antiga de papel
onde a tela é a folha
e a caneta o pincel

Ideias na mente e depois nas mãos
palavras, cores, cenários e emoção
Sou barroco!
Tenho luz, brilho e escuridão!

Insônia

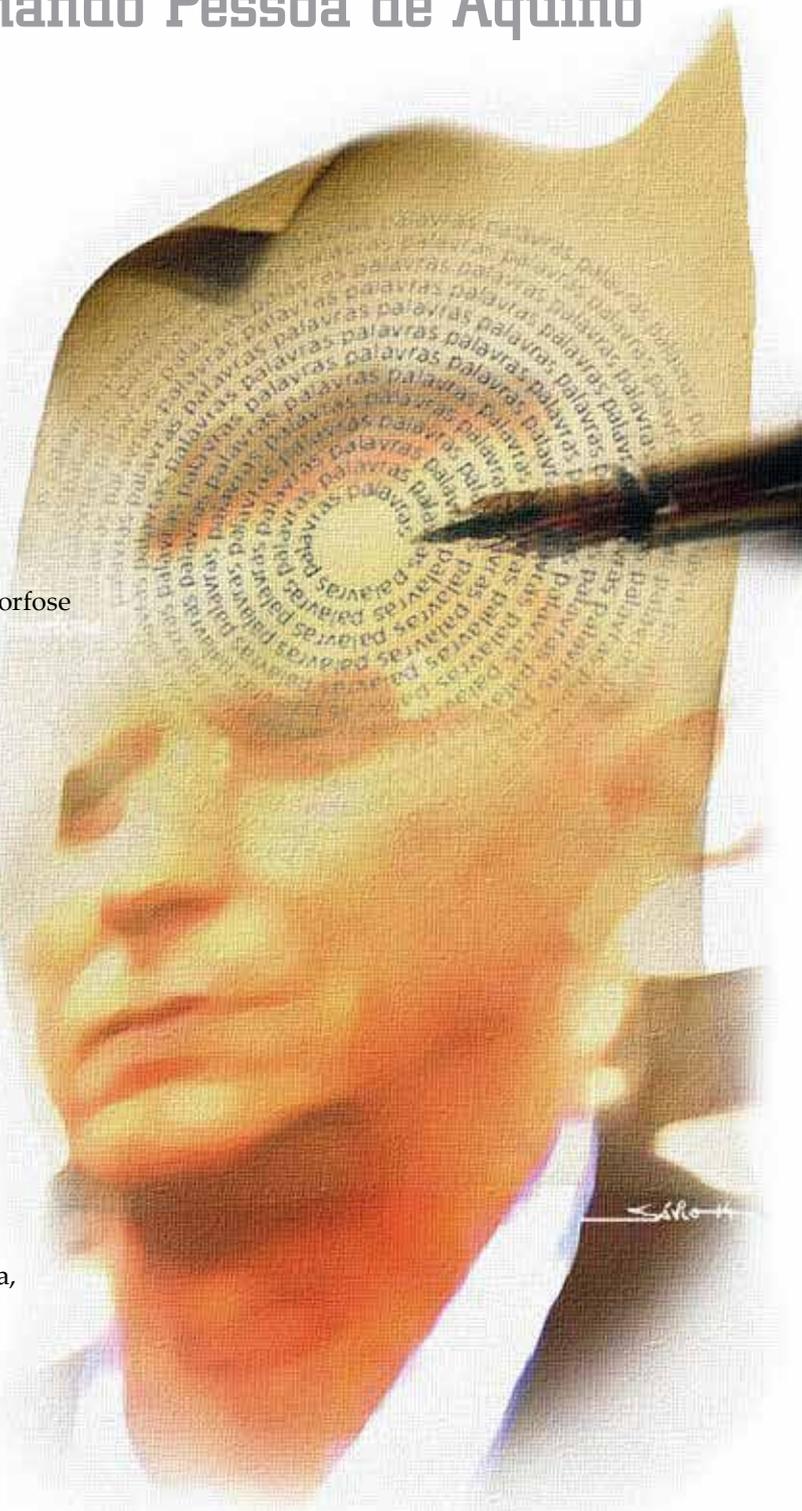
Insone, deito novamente em minha cama,
abraçado pela solidão, companheira
solidária e triste.

A janela, entreaberta, acolhe sons
que se misturam e invadem a
situdez do quarto.

Passado e presente dançam uma
valsa silenciosa, descompassada,
eloquente!

Pensamentos germinam com velocidade,
moldando com sentimentos uma
escultura perfeita, bela e nua!
Nela, teu corpo e teu rosto!

Da cama, um som sentido,
melancólico e forte diz o teu
nome!



FERNANDO PESSOA DE AQUINO, natural de João Pessoa, nascido em 1963, é bacharel em Direito, pós graduado em Criminologia e Direito Penal, servidor do Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região e aficcionado pelo Barroco e o Renascimento. Tem-se dedicado ao estudo das Artes Clássicas e da Mitologia. Em 1974 o jornal *O Norte* publicou um de seus poemas, intitulado "Ninguém". Mora em João Pessoa (PB).



Os equivocados

Ariano Suassuna costumava dizer, meio de brincadeira, que dividia a humanidade em duas categorias: de um lado, estariam as pessoas que concordavam com ele e gostavam de sua obra; do outro, os equivocados. Após a morte de Suassuna, alguns desses equivocados têm aparecido nos jornais do Recife para divulgar as mesmas ideias distorcidas e as falsas acusações de sempre, opinando sobre uma obra que a maioria deles seguramente não leu; os poucos que a leram, por sua vez, ou não a compreenderam ou insistem em deturpá-la conscientemente, por motivos os mais diversos e eivados de má-fé.

Certa vez, escrevendo sobre Gilberto Freyre, Odilon Ribeiro Coutinho se perguntava sobre o motivo que levava o autor de *Casa grande e senzala* a receber “ataques quase sempre marcados pelo furor fanático ou sectário, ou pela ira desvairada ou ressentida”, ataques oriundos de uma crítica que se revestia, em certas ocasiões, de “uma tal irracionalidade que só poderia ser explicada como uma explosão de ressentimento e ódio retrospectivo” (*Gilberto Freyre ou o ideário brasileiro*. Seleção e organização de Ângela Bezerra de Castro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. p. 53-54).

Ataques assim também são direcionados a Suassuna, levando-me a pensar, tanto num caso quanto no outro, que essa crítica irracional e também provinciana, quando irradiada sobretudo a partir do Recife, é conduzida por intelectuais e escritores que jamais perdoaram o fato de

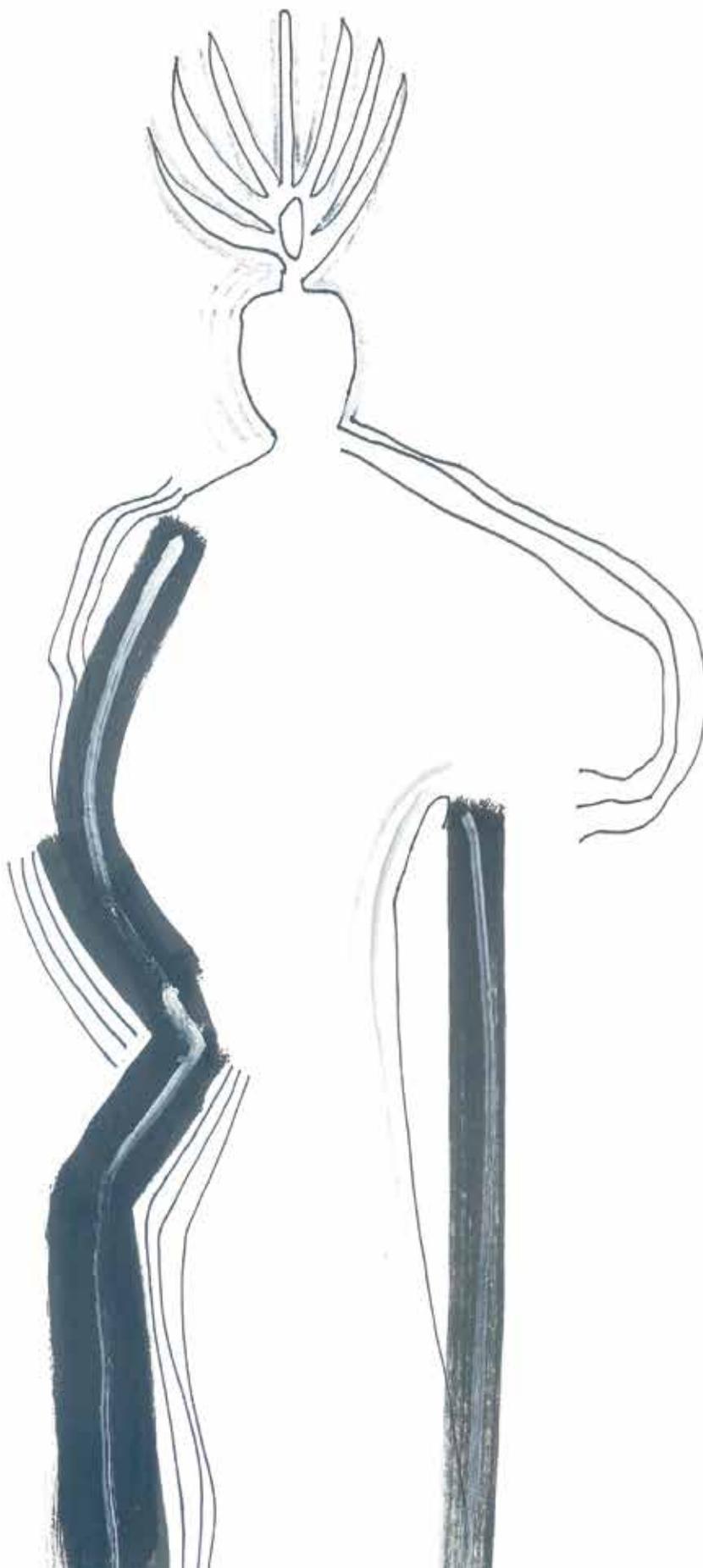
Freyre e Suassuna, permanecendo aqui, terem produzido, cada um deles, uma obra de ressonância nacional e internacional. Ora, uma das desculpas mais usadas pelos escritores e intelectuais provincianos para justificarem o completo silêncio em relação a suas obras, para além das divisas do seu estado natal, é justamente o fato de residirem na província. As obras de Freyre e Suassuna, assim, desconstroem a justificativa, fazendo com que esses intelectuais e escritores exalem – em seus textos, em suas falas, em suas entrevistas de ressentidos – a mais pura e indisfarçável inveja, aquela inveja amarga e agressiva que Renato Carneiro Campos tão bem chamou de “maligno vapor pernambucano”.

Há que se diferenciar, portanto, entre os equivocados de que falava Suassuna, aqueles que o são no sentido mais literal do termo, ou seja, os equivocados propriamente ditos, que atingem esta condição por algum erro de análise, por sua vez oriundo da ignorância, daqueles equivocados por ressentimento, os quais, uma vez cegos de inveja, não conseguem conter as tolices que afirmam, não raras vezes incorrendo em flagrantes contradições.

Quando, por exemplo, um jornalista chega a afirmar, como ocorreu em matéria publicada no *Jornal do Commercio*, do Recife, a 3 de agosto do corrente, que “o manguebeat é um projeto mais aberto do que o armorial”, ou que Ariano possuía uma “visão purista da cultura popular”,

► como se esta fosse “algo fixo, imóvel”, é fácil perceber, pelas justificativas e razões apresentadas pelo jornalista, que ele não conhece nada da poética armorial, nem leu nada do que Suassuna escreveu a respeito da cultura popular. A poética armorial se vale do romanceiro popular nordestino como uma porta aberta para o diálogo com a tradição mediterrânea e a arte popular dos povos do terceiro mundo, ou seja, para uma incursão por um universo de riqueza inesgotável. Por outro lado, Suassuna possui, além da sua imensa obra ficcional, uma vasta obra no campo do ensaio, com textos primorosos sobre a arte e a cultura popular, e em nenhum deles, posso garantir ao leitor, defende a posição “purista” que o jornalista lhe atribui, por puro desconhecimento.

Algo diferente ocorre com outros “críticos” de Suassuna. No mesmo *Jornal do Commercio*, poucos dias depois da matéria acima referida, a 17 de agosto, encontro uma entrevista com um típico equivocado do segundo grupo, o dos ressentidos. Afirma ele, entre outros disparates: “Ariano cria uma imagem medievalizada do Sertão, [...] de valores bastante conservadores [...]. Ariano é alguém que diz, em *A Pedra do Reino*, que as duas únicas forças que representam o povo no Brasil é [sic] o exército e a Igreja.” A afirmação é de um professor de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, de maneira que não posso partir do princípio de que ele não sabe o que significa uma obra literária – no caso, um romance. O fato é que Ariano não afirma nada disso que o professor diz que ele afirma. Quem quiser tirar a prova, pode consultar o Folheto LXXIX d’*A Pedra do Reino*, inti- ►



▶ tulado “O emissário do cordão encarnado”. Lá, irá encontrar uma cena em que três personagens, Arésio Garcia-Barretto, Adalberto Coura e Pedro Dinis Quaderna (o narrador do romance), discutem sobre o futuro político do Brasil e da América Latina. A frase que o professor atribui a Ariano é, na verdade, parte da fala de um desses personagens, Arésio, um homem conservador, violento e de extrema-direita. Adalberto, que discute com Arésio, é um comunista convicto, adepto da revolução; e Quaderna, que participa menos da discussão, defende uma espécie de “monarquia de esquerda”, de fundo socialista. Por que, então, o professor atribui a Ariano apenas a opinião de um dos seus personagens, não por acaso o de extrema-direita?

Quem entrevista o professor, curiosamente, é o mesmo jornalista que assina a primeira matéria a que me referi aqui, e que consegue a proeza de juntar, numa mesma página de jornal, vários equivocados, além daquele seu colega, ligado ao “movimento mangue”. Ele próprio poderia se juntar, aliás, a este seleto rol de entrevistados. Isto porque, ao entrevistar o professor de História da UFRN, ele não sabia nem sequer com quem estava falando. O professor chama-se Durval Muniz de Albuquerque Júnior, mas é tratado, na matéria de página inteira, que traz a sua entrevista, como “Durval Muniz de Britto”. Vê-se, assim, por outro lado, como o professor, que mora em Natal, é conhecido no Recife, a ponto de seu nome ser confundido com o de outro equivocado que vive por aqui, este histórico, Jomard Muniz de Britto.

Durval é autor de um livro péssimo, chamado *A invenção do Nordeste*, e que também já tive a oportunidade de comentar, em outra ocasião. Nele, fazendo as mais injustas acusações a Ariano, e dizendo tantas sandices que seria impossível comentá-las aqui, afirma, ao fim de sua análise, que Ariano é o próprio Quaderna, o protagonista

de *A Pedra do Reino*! Diz o professor: “Suassuna, o Quaderna, quer decifrar os grandes enigmas desta sociedade, deste espaço que sintetiza os próprios enigmas da existência e, ao mesmo tempo, quer absolver esta sociedade, seu povo” etc.

Se Suassuna é Quaderna, por que Durval, para ilustrar o pensamento político de Ariano, não atribui a ele uma fala deste personagem, ao invés daquela frase de Arésio? Eu sugiro esta, que se encontra no Folheto LXXII d’*A Pedra do Reino*, “O almoço do profeta”:

“O poder do Presidente não é legítimo, a República não é legítima! Todo poder legítimo é uma emanção da Onipotência eterna do Deus Sertanejo através do Povo, e portanto está sujeito à regra divina da nossa Santa Igreja da Pedra do Reino, tanto na ordem temporal como na espiritual! [...] É evidente, para todas as pessoas de bem, que esta República permanece sob um princípio falso e só traz o mal, para o Povo Brasileiro!”

Quem tem inteligência suficiente para compreender *A Pedra do Reino*, cuja primeira edição é de 1971, poderá constatar, sem dificuldade, aquilo que já foi dito por muitos comentadores, inclusive por mim mesmo: o livro é, entre outras coisas, uma denúncia contra o regime militar e a situação política do Brasil entre os anos de 1965 e 1968, muito embora a ação do romance tenha sido estrategicamente situada (por motivos óbvios) 30 anos antes, entre 1935 e 1938. Dizer que o romance é conservador e “medievalizante” é, no mínimo, passar atestado de burrice.

Mas esta crônica, infelizmente, deve parar por aqui, por dois motivos muito simples: primeiro, por falta de espaço para refutar tanta parvoíce; segundo, porque se eu ficar usando o meu precioso tempo para comentar o que esses equivocados dizem ou deixam de dizer, eu vou acabar é colaborando para que eles se tornem conhecidos, o que faz parte, certamente, do projeto de vida deles, mas não do meu. ✦

Carlos Newton Júnior é poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco. Mora em Recife (PE)

**A poética
armorial se vale
do romanceiro
popular nordestino
como uma
porta aberta
para o diálogo
com a tradição
mediterrânea e a
arte popular dos
povos do terceiro
mundo.**



Wolfgang Amadeus Mozart (1756–1791), compositor austríaco do período clássico

O MELHOR AMIGO DE **Mozart**

Humberto Pinho da Silva

Especial para o *Correio das Artes*

A dedicação, a lealdade, e a gratidão, que os cachorros dedicam a quem se dedica a eles, é sobejamente conhecida.

Todos conhecemos, ou pelo menos escutamos, cenas comoventes e provas exemplares de amor.

O cão não é apenas animal de estimação, presta, desde tempos imemoriais, valiosos serviços. Todavia é, e continuará a ser, ainda, o único ser que consegue apenas viver de amor.

A todos os restantes animais pede-se-lhes que retribuam, com trabalho. Ao cachorro, não.

A dedicação, o entusiasmo que demonstram ao verem o dono; o instinto de protegerem quem cuida e lhes dispensa carinho, garante-lhes vida folgada.

Ao ler a biografia do compositor Mozart, fiquei impressionadíssimo com a dedicação do seu cão Pimperl; o único, que indiferente à violenta intempérie, que desabara sobre Viena, acompanhou-o até ao cemitério de São Marxer, atrás do carro que transportava o compositor.

Até à Igreja de Santo Esteves, três ou quatro amigos, provavelmente admiradores do talento genial de Mozart - ou seria compaixão? - Seguiram o féretro, depois, só o cachorro - o amigo sincero que tinha, - acompanhou o funeral; e mergulhado em profunda tristeza, assistiu ao sepultamento, em vala comum.

Dizem, não há confirmação, que a esposa, Constanze Weber, não acompanhou o marido, por se encontrar muito comovida. Decorridos dias, foi ao cemitério certificar-se onde haviam enterrado Mozart.

Disseram-lhe que não sabiam, porque fora atirado para a vala comum: Porém, um coveiro, esclareceu-a, que dias depois, apareceu morto, devido ao frio e à fome, um cachorro, no local onde enterraram Mozart, mas tinham-no lançado ao lixo.

Esta informação, digna de registro, nunca foi devidamente confirmada. Biógrafos do compositor, consideram-na fantasia - fazendo parte da lenda urdida à volta de Mozart e o dedicado cão.

A desgraça e a fuga de amigos, devem-se, em parte, à inveja do compositor Antonio Salieri, receoso de ser ofuscado, e perder o prestígio que gozava em Viena.

De concreto quase nada se conhece. Esquecidos os êxitos de Mozart, as noites de glória, os louvores de reis e rainhas, a condecoração do Papa Clemente XIV, e a admiração de muitos compositores e músicos do seu tempo, Mozart passou a ser um desconhecido...

Uns, dizem que faleceu junto da esposa; outros, que ela estava em Paris, e que a família, vivendo em Salzburgo - cidade natal do compositor, não pode estar presente no funeral, realizado por amigo.

Ao certo, conhece-se que apenas o cachorro o acompanhou à última morada.

Ao ouvir-se a *Flauta Mágica*, *As Bodas de Fígaro* ou *Don Giovanni*, é bom lembrar que o verdadeiro amigo do genial Mozart, foi o seu cão: indiferente à miséria, à chuva, à tempestade desabrida, que caía, acompanhou o dono até ao cemitério... e aí morreu de amor e saudade. ❖

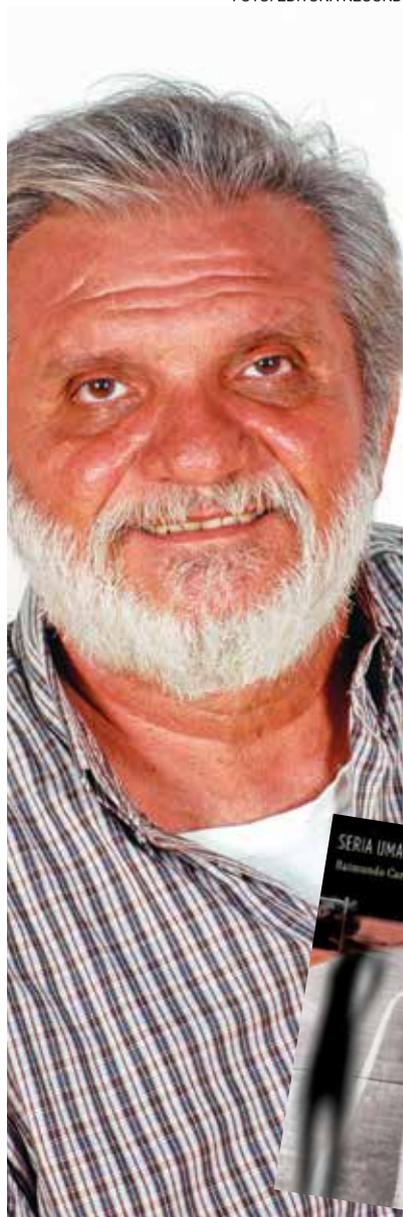
Humberto Pinho da Silva é cronista e jornalista português, responsável pelo blogue luso-brasileiro "Paz" (<http://solpaz.blogs.sapo.pt/>). Mora na cidade do Porto, Portugal.



Anotações

sobre romances (6)

FOTO: EDITORA RECORD



Seria *uma sombria noite secreta*, de Raimundo Carrero, é um romance do lumpemproletário.

Poucos livros retrataram com tamanha sensibilidade, a partir da subjetividade das personagens, o lúmpen brasileiro, nordestino.

Alvarenga, o mendigo protagonista, faz sorrir e sentir – por ser, menino, Pato Torto, por usar sapatos enormes, desproporcionais, e por estampar roupa recolhida no lixão pela mãe miserável.

Alvarenga é passional e patético.

Alvarenga é sombrio, o Recife do personagem é escuro.

O narrador, sutil, anota:

“...as poucas árvores do Recife se transformam em espectros, em garras escuras, sem folhas e sem frutos”.

Alvarenga é aviltado, mas extremamente afetuoso.

Ama a prostituta Raquel, e esta o ama à sua maneira.

Embolam-se numa ternura imperiosa, inextricável.

Raquel é a senha de sua felicidade – que entretanto lhe escapa a cada sopro da corneta.

O romance de Raimundo Carrero pinta de melancolia a realidade, investindo em interioridades torturadas, dilaceradas, em vidas decididamente decadentes. ✦

Raimundo Carrero é autor e teórico de literatura, escrevendo romances e ministrando oficinas

Rinaldo de Fernandes é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



QUER SABER? ENTRE NUMA BIBLIOTECA E ABRA OS OLHOS

Que tal um dedo de prosa com Machado,
um cafezinho com Clarice,
uma conversa animada com Zé Lins?

Quando você entra, uma biblioteca
abre um mundo de novos conhecimentos
e de novos horizontes.



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA PARAIBA

BIBLIOTECA ODON BEZERRA

PRÉDIO DO MEMORIAL PARLAMENTAR

Segunda, das 14 às 17h30

Terça a Quinta, das 8 às 12h e das 14 às 17h30

Sexta, das 8 às 12h

www.al.pb.gov.br

@legislativopb

A UNIÃO



121

anos

2014
uma nova História
para uma nova
A UNIÃO.

Reserve seu anúncio (83) 3218.6526
Faça a sua assinatura (83) 3218.6518

 **A UNIÃO** Superintendência de Imprensa e Editora

 www.paraiba.pb.gov.br  Twitter > @uniaogovpb  jornalauniao.blogspot.com